



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

Graduação

Curso de Letras Francês - Bacharelado

FEMINISMO E POLIGAMIA NO SENEGAL PÓS-COLÔNIA: UMA
INVESTIGAÇÃO ACERCA DA OBRA “UNE SI LONGUE LETTRE” DE
MARIAMA BÂ

ANA LUÍSA MELO LOIOLA

Brasília - 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

Graduação

Curso de Letras Francês - Bacharelado

FEMINISMO E POLIGAMIA NO SENEGAL PÓS-COLÔNIA: UMA
INVESTIGAÇÃO ACERCA DA OBRA “UNE SI LONGUE LETTRE” DE
MARIAMA BÂ

ANA LUÍSA MELO LOIOLA

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
(IL), da Universidade de Brasília – UnB, como
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Letras Francês.

Orientadora: Josely Bogo Machado Soncella

Brasília - 2019

Dedicatória

Aos meus queridos pais, que me deram todo o suporte possível durante a graduação.

Aos meus irmãos e a toda a minha família, que se espelham em mim e foram combustível para que eu chegasse até aqui.

Ao meu namorado, Washington e por fim, à minha amiga, Laís, que me incentivaram a concluir a graduação.

Resumo

Para o Senegal, um país devastado pela exploração colonial, o período de independência foi marcado por um nacionalismo exacerbado, e o principal: a necessidade de se afirmar como um povo negro e livre. O período pós-colonial foi regido pelos homens senegaleses, que reorganizaram a sociedade senegalesa e a transformaram em uma república, criando leis fundamentais para reger a população do país. Apesar de ser uma república, o Senegal se constituiu como uma sociedade patriarcal e misógina. Nesse contexto, a literatura feminina foi e é utilizada como instrumento de denúncia dessa realidade social. Através da análise da narrativa de Mariama Bâ, *Une si longue lettre* (1979), esta monografia pretende fazer um levantamento teórico sobre a vida da mulher muçulmana no Senegal, tratando de temáticas como a poligamia e o feminismo islâmico. Com o auxílio de Simone de Beauvoir, será feita uma análise da história da passividade e da omissão feminina desde o início da civilização, aliando essas questões à história da protagonista Ramatoulaye, contada por Mariama Bâ.

Palavras-chave: Mulher africana, Poligamia, Senegal, feminismo islâmico.

Abstract

For Senegal, a country devastated by colonial exploitation, the period of independence is marked by an exacerbated nationalism, and mainly: the need of asserting themselves as a black and free people. The post-colonial period was governed by Senegalese men, who reorganized the Senegalese society and transformed it into a republic, creating fundamental laws to govern the population of the country. Despite being a republic, Senegal was a patriarchal and misogynistic society. In that context, women's literature was and is used as an instrument of denunciation of this social reality. Through the analysis of the narrative of Mariama Bâ, this monograph intends to make a theoretical survey on the life of the Muslim woman in Senegal, dealing with topics such as polygamy and Islamic feminism. With the help of Simone de Beauvoir, we will analyze in depth the history of passivity and feminine omission from the beginning of civilization, combining these questions with the story of Ramatoulaye, told by Mariama Bâ.

Key words: African woman, Polygamy, Senegal, Islamic Feminism.

Sumário

Dedicatória.....	2
Resumo	3
Abstract.....	4
Introdução	6
1. Mariama Bâ, primeira escritora feminista africana	8
1.1. A autora Mariama Bâ.....	8
1.2. Mariama Bâ no universo literário francófono.	9
1.3. Simone de Beauvoir.....	11
2. A mulher no Senegal e o Islã	13
2.1. A mulher no Senegal - direitos e deveres.	13
2.2. A mulher na religião islâmica.....	15
2.3. O Feminismo Islâmico.....	17
2.4. A poligamia na cultura Islâmica	19
3. Feminismo e Poligamia em <i>Une si longue lettre</i>	24
3.1. O romance <i>Une si longue lettre</i>	24
3.2. A obra <i>Une si longue lettre</i> à luz das ideias de Simone de Beauvoir, em <i>Le deuxième sexe</i>	27
Conclusão	40
Referências Bibliográficas.....	43

Introdução

Atualmente, no século XXI, o Senegal é um país independente do continente africano. No entanto, durante o século passado, lutou para se libertar da colonização francesa, que perdurou séculos. Grupos étnicos separados, famílias dizimadas, exploração da fauna e flora, opressão, humilhação, racismo e escravidão marcam o período colonizado. Durante o período pós-independência, após ter sido extremamente abusado por países europeus e ter tido a influência dos mesmos em sua cultura, o Senegal necessita auto afirmar-se como país africano resgatando suas raízes e princípios pré-coloniais.

Ao tornar-se uma república, o primeiro presidente é eleito, e os ideais nacionalistas e patriotas imperam nessa nação que havia acabado de recuperar sua liberdade. O termo *Négritude* nasce, e as denúncias de diferenças raciais consequentes do racismo e da escravidão são priorizadas e colocadas no centro da vida política senegalesa. Desse modo, outra opressão ocorre de forma segregada: a desigualdade social entre homens e mulheres. A poligamia, determinada pelo casamento de um homem com várias mulheres, é legalizada em vários países, sendo em alguns reconhecida como um dever e direito do homem, e no Senegal não é diferente.

Algumas hipóteses são levantadas por diferentes autores para a existência e perpetuação da poligamia em países como o Senegal. É possível que a poligamia seja uma norma do Islamismo, religião de 90% da população do Senegal, no entanto, há quem defenda que seja uma falha na interpretação do Alcorão. É admissível que seja um princípio arcaico da própria sociedade senegalesa, independente da religião. É factível que seja um fenômeno causado para solucionar uma taxa de natalidade descontrolada de crianças do sexo feminino. Por outro ponto de vista, é concebível que não seja um problema de natalidade feminina, e sim um problema de mortalidade masculina. Independentemente de sua origem, é possível afirmar que é um fator determinante para a segregação feminina e a prática de hábitos misóginos, machistas e opressores.

O livro *Une si longue lettre* foi escrito por Mariama Bâ durante esse período. Apesar de ser uma história fictícia, um romance epistolar, a narrativa de Bâ é inspirada em situações e mulheres reais. Temas como poligamia e feminismo foram desenvolvidos de forma áspera e crua na narrativa da escritora senegalesa. A autora é considerada por muitos como a primeira escritora africana, e sua obra é considerada como o primeiro livro africano feminista. Na obra,

é possível não só visualizar o cenário em que muitas mulheres vivem, mas também é possível compreender o grande choque entre a tradição e a modernidade.

A obra *Une si longue lettre* se tornou o objeto de estudo desse trabalho graças a uma disciplina da Universidade de Brasília nomeada como “Literatura de língua francesa – África”. A disciplina de “Literatura de Língua Francesa – África” é optativa, ou seja, a maioria dos alunos da graduação acaba por não conhecer a riqueza dos autores e principalmente das autoras de língua francesa presentes em países fora da França. A disciplina aborda a expressão francesa no continente africano, a saber, escritores de origem africana e suas manifestações literárias. Isto posto, Mariama Bâ foi uma das personalidades estudadas durante a disciplina.

Em vista disso, o trabalho irá abordar de forma breve a oposição entre temáticas como o feminismo e a poligamia na obra *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ, no contexto da religião islâmica, tendo como contraponto as ideias de Simone de Beauvoir. A estudiosa francesa foi escolhida para embasar a discussão sobre a obra objeto desta pesquisa porque seu estudo, de extrema relevância, das teorias psicanalíticas, históricas e sociais de autores consagrados pôde auxiliar na compreensão da formação das sociedades patriarcais, da poligamia e suas consequências no comportamento feminino no decorrer dos séculos.

A importância da análise do romance *Une si longue lettre* se define em compreender as causas e consequências, boas ou ruins, da influência poligâmica na sociedade senegalesa, de uma visão interna, como a da personagem Ramatoulaye no romance e as diferenças reacionais das mulheres imersas nesse contexto, criadas para ter medo e vergonha de qualquer comportamento distinto daquele que lhes foi ensinado.

Para alcançar o objetivo proposto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica que considerou os trabalhos acadêmicos já existentes sobre o romance, artigos de jornais, além da obra de Simone de Beauvoir, o *Segundo Sexo*, obra fundamental para a análise da obra objeto desse estudo.

O trabalho foi organizado em três partes principais. Na primeira parte, são apresentadas informações em torno de Mariama Bâ, tais como a vida e obra da autora e seu posicionamento como escritora feminista africana. A seguir, procedeu-se a uma breve contextualização da vida de Simone de Beauvoir e sua obra “O segundo sexo”. Na segunda parte, intitulada “A mulher no Senegal e o Islã”, discorreu-se, de início, sobre os direitos e deveres da mulher no Senegal, no intuito de compreender o lugar da mulher nessa sociedade.

Logo após, discutiu-se o contexto social das mulheres na religião islâmica de um ponto de vista histórico. Em seguida, realizou-se uma breve explicação sobre o feminismo islâmico e suas vertentes distintas em países muçulmanos, e por fim, realizou-se uma análise histórica da poligamia.

Na terceira parte, aborda-se a narrativa do romance epistolar *Une si longue lettre*, seus lançamentos, edições e repercussão, e enfim, foi realizada uma sucinta análise do livro *Une si longue lettre*, tendo como base as reflexões de Beauvoir em “O segundo sexo”, sobretudo sobre a poligamia e temas decorrentes.

1. Mariama Bâ, primeira escritora feminista africana

1.1. A autora Mariama Bâ

Mariama Bâ nasceu em 1929, em Dakar, capital do Senegal. Na época, o país era colônia da França e, mais tarde, veio a integrar a África Ocidental. Bâ nasceu em uma família muçulmana tradicional, lembrando que 90% da população tem o Islamismo como religião. Perdeu a mãe quando era bem pequena e foi criada pelos avós que não viam a necessidade de uma mulher ser instruída.

Apesar da condição advinda da religião islâmica, Bâ desde muito nova já criticava a desigualdade entre os sexos e o fato de viver em uma sociedade onde a mulher não é dona da própria vida, não tem direito a escolhas próprias e à educação. Excepcionalmente, graças à intervenção de seu pai, que na época se tornou Ministro da Saúde, Bâ conseguiu estudar, tornar-se professora de primário e logo depois inspetora, casou-se três vezes e teve um total de nove filhos. Desgostosa com a situação da mulher africana, ela publica seu primeiro livro *Une si longue lettre* (1979), traduzido como “*A minha carta mais longa*”. Esse primeiro romance epistolar, história desenvolvida através de cartas, é escrito por Ramatoulaye, uma viúva mulçumana.

A longa carta que nunca será enviada, um monólogo, é endereçada a Aissatou, sua melhor amiga, que se divorciou e foi para os Estados Unidos da América. Em *Une si longue lettre*, Ramatoulaye aborda questões como a poligamia, a submissão da mulher muçulmana, as tradições africanas, os costumes islâmicos, a sociedade de castas, a política, a educação, e a classe social. Além de ser um dos três romances mais importantes da literatura africana e um dos mais importantes na literatura feminina islâmica, recebeu o Prêmio Noma de publicação

na África. Antes de publicar seu segundo romance “*Un chant écarlate*”, Mariama morreu de cancro, aos 52 anos.

Fruto da sua história de vida, da perda da mãe quando era nova, da dificuldade de ser mulher em uma sociedade patriarcal, e do olhar sobre todas as mulheres que a rodeavam, Bâ se tornou uma mulher muito engajada na causa feminista e contribuiu de forma significativa para os estudos africanos modernos. De acordo com a editora Motifs (2001), “a senegalesa Mariama Bâ é a primeira romancista africana a descrever com tanta clareza o lugar destinado às mulheres em sua sociedade.”¹ (Tradução nossa)

1.2. Mariama Bâ no universo literário francófono.

Bâ se destacou no cenário da literatura africana por criticar o contexto social em que vivia, ilustrando a mudança no comportamento feminino no processo de independência vivido pelo Senegal. A autora marcou a diferença em relação à estética da literatura africana masculina, na qual se representava a mulher em posições submissas e omissas e não como personagem principal e/ou narradora, ou seja, dentro de um contexto onde a personagem era um instrumento da vontade masculina. Sendo nascida e tendo vivido no período de independência e pós-independência do Senegal, Mariama Bâ era uma exceção por ter conseguido completar seus estudos, se formar, ter uma vocação e exercer um trabalho, mesmo sendo mulher, órfã de mãe, mãe e divorciada. Embora considerada como a primeira escritora do Senegal, sua literatura era e ainda é pouco conhecida. Mariama Bâ trabalha nessa obra um exemplo das consequências de uma colonização e as falhas de uma sociedade patriarcal imersa na sociedade senegalesa.

Segundo o site *The Patriotic Vanguard* (2018):

“Bâ defendeu a consideração urgente e o revigoramento da vida africana. Esta consideração e revigoramento é essencialmente fundada na construção social da relação entre homem e mulher. De fato, há um poder desequilibrado e desigual na relação masculino / feminino. Segundo ela, esses fatos podem nos ajudar a perceber as necessidades da África por mudanças sociais, uma mudança mais política do que meramente fazer discursos. [...] As mulheres são mergulhadas psicológica e financeiramente em uma indulgência sensual e total falta de consideração pelas consequências das ações dos homens nas famílias. Eles são completamente cegos. Esses fatos levaram Bâ a acreditar em sua missão de expor e criticar as

¹ “*La sénégalaise Mariama Bâ est la première romancière africaine à décrire avec une telle lumière la place faite aux femmes dans sa société*”.

racionalizações empregadas para justificar estruturas de poder estabelecidas.”²
(Tradução nossa)

Embora várias mulheres tenham seguido o mesmo caminho de Bâ, a literatura africana ainda é um espaço composto por uma majoritária parcela masculina. Lembrando que Dakar, no Senegal, é uma cidade que está constantemente mudando e se modernizando, embora ainda conserve a cultura patriarcal, tradições e costumes arcaicos:

“Um dos factores que explica a exclusão das mulheres do cone das letras de África é o facto de o próprio conceito de literatura africana surgir na (e ser determinado pela) linha de conflito do colonialismo. Ela é desenhada de uma forma simplificada, assente em vectores como raça e classe social, deixando de lado, entre outras, complexidades como a dimensão sexuada.” (STRATTON, 1994, pag.9 apud MARTINS, 2011).

A literatura feminista era, e ainda hoje é, um instrumento de denúncia da condição de vida das mulheres inseridas nesse contexto político, cultural, religioso e social do Senegal e em outros países africanos pós-colonização. Por outro lado, é visto que a literatura africana masculina exaltou valores e costumes antigos muitas vezes abominados pelas mulheres (como a mutilação sexual feminina), associando as mulheres africanas à terra do continente africano fértil, sensual e protetor. Priorizam-se os conflitos de raça (levando em conta o contexto sócio-histórico das obras), nasce o conceito de Negritude, empurrando as lutas das mulheres para debaixo do tapete. Alguns exemplos disso são os poemas “*Femme Noire*”, de Léopold Sédar Senghor, e “*La noire de...*”, de Ousmane Sembène, autores senegaleses que sexualizavam, objetificavam e retratavam a exploração da mulher africana como um ato poético e majestoso.

A luta de mulheres como Mariama Bâ, escritoras, professoras, mulheres instruídas e com vocações, mulheres que não seguiam o modelo convencional estipulado, era muitas vezes acompanhada de desejos de maternidade repelidos, e durante o período pós-colonial, isso representava uma verdadeira deslealdade ao país para os nacionalistas na luta

2 “Bâ advocated urgent consideration and reinvigoration of African life. This consideration and reinvigoration is essentially founded on the social construct of the relationship between man and woman. Indeed, there is an unequal and unbalanced power in the male/female relationship. According to her, these facts can help us become aware of Africa’s needs for societal change, a change more political than merely making speeches. [...] Women are plunged both psychologically and financially in a sensual indulgence and complete lack of regard for the consequences of men’s actions on families. They are completely blind. These facts led Bâ to believe in her mission to expose and critique the rationalisations employed to justify established power structures.”(*The Patriotic Vanguard*, 2018)

anticolonial. Tal comportamento acabou por se tornar mais um motivo para a repressão patriarcal. Beauvoir (2009, p.74) afirma que a função de reprodutora da mulher é importante tanto na economia social como na vida individual; há épocas em que ela é mais útil fazendo filhos do que empurrando a charrua. A autora francesa afirma que não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir, tudo o que se pode fazer é colocá-la em situações em que a maternidade é a única saída, e a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento.

Ainda, segundo Martins (2011, p.120):

“De facto, o nascimento da literatura africana e do respectivo cânone é concomitante com uma afirmação anticolonial em que a cultura assume papel de destaque. Esta afirmação pressupõe a construção de uma identidade africana, negra, e de identidades nacionais que, à falta de ou contra o conceito ocidental de nação, assente na homogeneidade linguística e étnica, se associam prioritariamente a projectos políticos protagonizados e moldados à imagem de elites masculinas, tendo como momento originário e definidor (que confere sentido à História anterior e posterior) o próprio início da luta contra o colonizador.”

Como já foi destacado, no momento pós-colonial, a prioridade era reafirmar valores tradicionais africanos, e principalmente resgatar a integridade do povo africano como donos dos seus países e não como povos que haviam sido colonizados, misturados e animalizados. Nesse momento os projetos literários, sociais, e políticos de autores homens africanos serão privilegiados.

1.3. Simone de Beauvoir

Separadas por um continente, alguns anos antes de Mariama Bâ nascer, em 1908, Paris, nasce outra mulher importantíssima e à frente do seu tempo: Simone de Beauvoir. Diferente de Bâ, Simone nasceu e se criou dentro da cultura ocidental, europeia, em um país de primeiro mundo, dentro de uma família tradicional católica francesa de renome. Filha de um advogado, teve oportunidade de estudar todos os cursos que teve vontade, no caso, Matemática, Literatura, Línguas e Filosofia, em bons institutos e na universidade mais conhecida e prestigiada da França: a Universidade de Sorbonne. Beauvoir teve regalias que Bâ, no continente africano, explorado pela França, não teve. Beauvoir conheceu e estudou com intelectuais que ficariam para sempre na história, como Jean-Paul Sartre (com quem teve um relacionamento) e René Maheu. Logo que concluiu o curso de Filosofia, foi nomeada professora de Filosofia na Universidade de Marseille.

Nascida em pleno século XX, período pós Revolução Francesa, Simone colheu os frutos de uma época de mudanças. A monarquia absolutista havia acabado de ser extinta, dando lugar à república, e os homens haviam acabado de receber seu sufrágio (poderiam votar e escolher seus líderes). Algum tempo depois, as mulheres que já vinham ganhando voz no período pós-guerra, agora dirigiam, trabalhavam, usavam minissaia. Lutaram por seu sufrágio e o conquistaram.

Essas modificações do papel feminino na sociedade francesa durante o pós-guerra foram de extrema importância para a luta das mulheres no mundo. Mas embora fossem conquistas decorrentes de séculos de luta feminista, eram apenas uma colher de chá que os homens estavam dando, como mostra o *Jornal do Movimento de Libertação Nacional da França*:

“você têm razão de estar felizes; sentiram que fazem parte de alguma coisa importante... No conjunto, as mulheres tomaram consciência de seu papel de cidadãs, sem causar dano às suas qualidades femininas. Se, na saída da seção de votação, você passar batom ou colocar pó-de-arroz, seu marido ficará tranquilo”.
(LA FEMME, 1946, apud THÉBAUD)

Em 1949, apenas cinco anos depois do sufrágio feminino, um período ainda marcado por extremo machismo, Simone publica “O segundo sexo”, originalmente em francês “*Le deuxième sexe*”, livro considerado um escarcéu pela igreja católica e pelo governo da União Soviética. O exemplar, dividido em dois volumes, sendo o primeiro em três partes (destino, história e mitos) e o segundo, em quatro partes (formação, situação, justificações, e a caminho da liberdade) possui uma descrição minuciosa e detalhada das diferenças e semelhanças biológicas, físicas, históricas e psicológicas entre o homem e a mulher.

Influenciada pela filosofia existencialista, estabelecida pelos princípios de que os seres humanos são responsáveis pelos próprios atos, valores, e escolhas e que não devem ser regidos por fatores externos como religiões e tradições, ela escreve, junto a seus argumentos e ideais feministas, esse exemplar de prestígio.

De forma bastante didática, apropriando-se de eventos reais e teorias de autores renomados, Beauvoir explica por quê a mulher foi considerada como o “outro”, tendo por isso intitulado a obra com o nome “O segundo sexo”. O nome é considerado uma ironia: a mulher seria o segundo sexo porque, não havendo mais nenhum outro, o primeiro seria o homem.

“Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. [...] “Sejam mulheres, permaneçam

mulheres, tornem-se mulheres.” Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia fru-fru para fazê-la descer à Terra?” (BEAUVOIR, 2009, p.17)

“É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo.” (Beauvoir, 2009, p.263)

“O segundo sexo” é considerado como uma de muitas obras fundamentais para se compreender o feminismo, de modo que será utilizado como base teórica para a análise da obra *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ.

2. A mulher no Senegal e o Islã

2.1. A mulher no Senegal - direitos e deveres.

O Senegal, país localizado na África Ocidental, antiga colônia da França, Portugal e Holanda, extremamente explorado por estes países, permaneceu sendo, durante muito tempo, o ponto central na África, de comércio e tráfico de escravos, ouro e marfim. Destruído pela escravidão e exploração, no entanto, recebeu influência direta da colonização realizada pela França, tornando a língua francesa como sua língua oficial, apesar de ter outras 36 línguas faladas no país. Conseguiu se desenvolver após sua independência e tornar-se um país economicamente estável e seguro para os senegaleses, que sofreram séculos de escravidão.

Mesmo sendo um país civilizado e desenvolvido, contudo, o Senegal é hierárquico e mantém a sociedade dividida por castas. Apesar de ser mais conhecida por existir na Índia, a organização social por castas foi implantada em vários países, sendo o Senegal um deles. De acordo com Bouglé (1969, p.2) uma das ideias base da organização de castas é a hereditariedade: “O filho do ferreiro será ferreiro, como o filho do guerreiro será guerreiro”³ (Tradução nossa). Os filhos não tem livre arbítrio para escolher outra profissão, a não ser a do pai, as crianças já nascem com o direito e dever de ser aquilo que o pai é.

³ “*Le fils du forgeron sera forgeron, comme le fils du guerrier sera guerrier*”. (Bouglé, 1969, p.2)

Outra ideia base do regime de castas é a hierarquia. Além dos trabalhos organizados hereditariamente, os direitos não são repartidos de forma igualitária, cada indivíduo paga pesados impostos enquanto a casta superior, repleta de privilégios, é excluída desse pagamento. É importante salientar que existe uma repulsa de uma casta em relação à outra, e os homens não procuram (ou não deveriam procurar) mulheres fora da sua casta, recusando totalmente a mistura entre os sangues. As pessoas imersas nesse sistema se veem como pilares da sociedade e não procuram mudar sua condição social.

Durante o século X, a população do reino de Tekrou, onde atualmente o Senegal se situa, foi convertida ao Islamismo, religião que segue o “Alcorão” ou “Corão”. O livro é a base da fé mulçumana e contém as revelações de Alá ao profeta Maomé. Diferente da Gâmbia, sua vizinha, o Senegal aderiu a uma forma moderada do Islamismo. Segundo o *Aid to the Church in Need* (2016), o uso da burca (véu que cobre totalmente a mulher) foi proibido, por ser uma norma de vestuário estrangeira.

Vale ressaltar que o islamismo não é somente uma religião, é um complexo estilo de vida que engloba política, cultura, religião e história e, apesar de ser mais moderado ou mais desmedido em algumas regiões como no Senegal, todos seguem os mesmos princípios.

O Senegal ainda é uma comunidade patriarcal onde a mulher recebe desde pequena uma educação voltada para as tarefas domésticas, com o objetivo de ser uma boa esposa no futuro. Já os homens são preparados para serem grandes líderes bem-sucedidos, gerir a renda da família, construir a casa e serem instruídos. Ainda, segundo Barreto e Ceccarelli (2016):

“Atualmente, sob a influência do islamismo, a linhagem paterna prepondera incontestavelmente. A herança e a sucessão são patrilineares. A residência é virilocal. O pai ou, na sua falta, o irmão mais velho tem autoridade sobre a descendência paterna. Todavia, um ego doente ou em dificuldade busca auxílio na linhagem materna. O casamento preferencial é com a prima cruzada; em segunda posição vem o casamento com a prima paralela patrilinear.”

Privada de todos os seus direitos, da própria liberdade, dos bens relativos a sua família, a mulher é tratada como propriedade, primeiro do pai, que a “vende como quem vende uma mercadoria”, para se casar com o homem que ele achar adequado. Depois torna-se propriedade do marido, com o único objetivo na vida de servir a este, seja com filhos, seja como sua empregada, seja como sua escrava. O relatório do Fórum Econômico Mundial sobre a disparidade entre homens e mulheres, o *Global Gender Gap Report* (2009), mostra que, dos

20 países onde é maior a desigualdade entre os gêneros, 19 são muçulmanos (SZKLARZ, 2016).

2.2. A mulher na religião islâmica

Primeiramente, antes de se sintetizar o segmento feminino na religião islâmica, é necessário frisar que existe uma grande diferença quando se fala de árabes e muçulmanos. O termo “árabe” se encaixa na definição de um idioma e como composição étnica. Já o termo “muçulmano” se refere a pessoas que praticam o Islamismo. Como afirma Pena: “embora uma pessoa possa ser árabe e muçulmana ao mesmo tempo, nem todo árabe é muçumano e nem todo muçulmano é árabe”.

Contextualizando historicamente o Islã, é importante destacar que os países africanos viveram durante muito tempo na situação de colônias, com fronteiras onde as etnias foram separadas arbitrariamente (fato conhecido como partilha da África), sem um estudo dos povos e culturas, o que causou um cenário de guerras frequentes entre nativos e colonos e, mais tarde, guerras entre nativos e nativos. Cada território africano recebeu influência de um país, ou de vários, e passou por mudanças profundas durante o período colonial. Vennetier (1971) aponta:

“[...] O catolicismo e o protestantismo adquiriram, aos olhos de muitos, o caráter de doutrinas "importadas pelos brancos", o que não foi sem prejuízo para sua difusão, e por reação, explica em parte o sucesso notável de alguns sincretismos como o kimbangismo ou o bougismo no Congo ocidental. Temos sublinhado mais de uma vez as melhores possibilidades de "adaptação" do islamismo, que permite a poligamia tradicional na África negra -, exige respeito de regras simples e assume um caráter parcialmente coletivo, para homens acostumados à vida em grupo, às decisões tomadas em conjunto, às proibições ou aos tabus.”⁴ (p. 113, Tradução nossa)

4 “[...] catholicisme et protestantisme ont acquis, aux yeux de beaucoup, le caractère de doctrines "importées par les blancs", qui n'a pas été sans nuire à leur diffusion, et par réaction, explique en partie le succès remarquable remporté par certains syncrétismes comme le kimbangisme ou le bougisme dans l'ouest du Congo. On a plus d'une fois souligné les meilleures possibilités "d'adaptation" à l'islamisme, qui autorise la polygamie-traditionnelle en Afrique noire -, demande le respect de règles simples et revêt un caractère partiellement collectif, pour des hommes habitués à la vie en groupe, aux décisions prises en commun, aux interdits ou aux tabous.” (1971,p.113)

Como afirma DENIS et col. (1971), o Islã não se apresentou apenas como um movimento de proselitismo religioso, [...] mas o aspecto religioso sempre esteve associado a uma evolução política e, na maioria das vezes, econômica e cultural.⁵ (Tradução nossa).

O Islamismo foi bem aceito em alguns países africanos por ser uma religião que englobava todos os aspectos da sociedade: cultural, religioso, político e social, e como aponta Burke (2006, p.44), o Islã é principalmente uma religião muito mais política do que as outras e isso facilita e potencializa muito a sua utilização para explicar injustiças políticas (como a colonização) e sugere um curso de ação para atenuá-las. Em uma sociedade arruinada e machucada pela colonização de séculos, optar por um modelo religioso mais arcaico e tradicional seria um modo de retomar as suas raízes. A protagonista Ramatoulaye, em sua carta, vive um período do Islamismo (século XX) menos danoso à mulher do que durante seu princípio, como cita Keddie (2007):

“A ordem social árabe pré-islâmica, especialmente a sedentária, pautava-se pela hierarquização das relações sociais [...] embora homens e mulheres ocupassem funções sociais bem determinadas, em que não poderiam imiscuir-se nas responsabilidades uns dos outros, as relações patriarcais dominavam sobre as matriarcais. Portanto, ao chefe de família aristocrata (beduíno ou sedentário), era facultado possuir o número de esposas, concubinas e escravos que pudesse manter, na medida em que possuí-los e ostentá-los era sinal de riqueza pessoal e da etnia, requisitos para ser considerado nobre e, pois, cidadão pleno.” (KEDDIE, 2007, p.59 apud SILVA, 2014, p. 27)

Durante o pré-islamismo, as mulheres eram tratadas como objetos, sofriam preconceitos, violências físicas e psicológicas e eram passadas para outros homens (na maioria das vezes para parentes próximos), como herança deixada pelo antigo marido. Algumas mudanças no Alcorão ocorreram e a mulher, que antes não era sequer citada no texto exceto quanto a seus deveres de criar filhos, cozinhar, cuidar, limpar, lavar, após o pré-islamismo, passou a ser citada e igualada, devido à revelação de um novo capítulo ao profeta Muhammad (Maomé). O capítulo salientava que *Alah* havia preparado perdão e magnífica recompensa para ambos. Depois de algum tempo, não foi necessário nenhum movimento feminista, pois somente três mulheres, Kadhija, Aisha e Umm Salamah, vozes femininas e inteligentes, companheiras de Maomé a quem ele pedia inúmeros conselhos, clamaram por

igualdade entre homens e mulheres, e por um curto período, as mulheres obtiveram essa igualdade.

Logo depois, se iniciou o período do Califado Islâmico, quando as mulheres foram oprimidas e obrigadas a usar vestimentas conservadoras e rígidas. O véu se tornou obrigatório - antes era necessário somente às mulheres ricas para mostrar seus status social -, e as mulheres foram cada vez mais retiradas da vida pública. A situação ficou pior quando o Império Turco-otomano tomou o poder. As terras islâmicas se tornaram colônias dos países ocidentais, e à medida em que estas colônias foram alcançando independência, tornavam-se ditaduras islâmicas. No século 20, a situação das mulheres piorou bastante, porém, em alguns países, a lei islâmica foi amenizada e se misturou à lei moderna (SZKLARZ, 2016).

Entender a história do Islamismo é entender a história das demais religiões ao redor do mundo. Os homens, desde o princípio das civilizações, criaram suas próprias religiões, e com o auxílio das mesmas doutrinaram sociedades, selecionando aqueles que deveriam dominar, aqueles que deveriam obedecer, aqueles que deveriam morrer, tudo em nome dos seus Deuses. “Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à Terra [...]” (BEAUVOIR, 2009, p.23).

2.3. O Feminismo Islâmico

É uma tarefa difícil falar sobre o feminismo Islâmico Africano a partir de uma visão ocidental estereotipada, como afirma De Franco (2016). O Islã é um conjunto de grupos diversificados, cada um com particularidades relativas a cada país. Dito assim, o feminismo Islâmico também é composto por vários grupos de mulheres de nacionalidades distintas que lutam por diferentes interpretações do Alcorão. Existe, dentro do feminismo islâmico, uma busca por questionar fundamentos da religião a partir de uma perspectiva interna, daquelas que creem e não têm interesse em abandonar suas crenças. Questionam, por exemplo, os papéis sociais dos homens e mulheres na família e na sociedade, justificando-se que a desigualdade não é a proposta do Alcorão, mas sim da dinâmica social aprendida culturalmente. O feminismo Islâmico argumenta que a religião não promove a submissão das mulheres, mas sim suas interpretações. De um modo geral, para os ocidentais seculares, o islamismo e seu código de valores desrespeitam lutas históricas ligadas à emancipação das mulheres e outras pautas dos direitos humanos, duras e (ainda) parcialmente conquistadas.

Lima (2014) argumenta que o feminismo islâmico se auto define como um movimento que objetiva recuperar a ideia de *ummah* (comunidade muçulmana) como um espaço compartilhado entre homens e mulheres. Para isso, ele utiliza a metodologia de releitura das escrituras do Islã, baseando-se no conceito árabe de *ijtihad* (interpretação livre e racional das fontes religiosas).

Uma primeira afirmação do feminismo islâmico sobre o Alcorão é de que a divisão hierárquica e biologizante das funções na família e na sociedade como justificativa para a desigualdade não é alcorânica, é cultural e social (BADRAN, 2009, p.331 apud LIMA, 2014, p.683).

De acordo com Lima (2014), os feminismos nas sociedades muçulmanas são uma das expressões da intersecção da modernidade com o Islã. Surgiram enquanto consciência "feminista" por volta dos anos de 1890, no Egito e na Turquia. O movimento só prosperou de forma organizada e independente em 1920, no Egito, com Huda Sha'rawi, líder feminista que fundou em 1923 a União das Feministas Egípcias e se estabilizou através de Duriyya Shafiq, tendo esta última fundado a União das Filhas do Nilo em 1948.

De Franco (2016) destaca o fato de existir, em países como o Egito e Turquia, onde há a possibilidade de intercâmbios com o mundo ocidental, um reconhecimento maior a grupos de lutas feministas. Houve, portanto, muitas ativistas que puderam ter esse contato com o mundo fora da sociedade muçumana, estudando e se apropriando de conceitos ocidentais como o feminismo. O feminismo islâmico, propriamente dito, se reconhece como fruto do “encontro entre o feminismo secular e os movimentos de mulheres pela reislamização” (LIMA, 2014, p. 676, apud De Franco, 2016). O feminismo secular vai se pautar no processo de separação entre política e religião, já a reislamização é uma ideia contrária ao progresso, é um “retorno ao Islã” e a seus princípios originais, entendendo-se que em uma sociedade islâmica pura e original, religião, moral e política andam juntas.

Dentro do feminismo Islâmico, existem vertentes de mulheres que creem no Alcorão, sem interesse em abandonar suas crenças, mas que buscam por novas interpretações relacionadas às mulheres e à poligamia.

O argumento do feminismo islâmico é que a religião islâmica não seria um modelo que incita a subjugar as mulheres, mas são os modos de interpretar e vivenciar as fontes religiosas, em especial o texto sagrado, que trazem as desigualdades e submissões. Considera-se que as interpretações vigentes do Alcorão atribuem posicionamentos misóginos ao profeta,

tais posicionamentos seriam interpretativos, sendo possível ler os textos sagrados sem essa conotação. (MIR-HOSSEINI, 2006; BARLAS, 2002 apud DE FRANCO, 2016)

De fato, existe uma grande maioria de mulheres imersas na cultura islâmica que buscam uma modernidade e igualdade com os homens sem abrir mão de suas convicções religiosas muçulmanas.

É inegável que o contexto islâmico religioso é visto pelas sociedades ocidentais como um mundo ultrapassado que ainda não se modernizou, (KERN, 2014 apud DE FRANCO, 2016). Foi identificada (DE FRANCO, 2016) no feminismo islâmico uma resistência ao ideal ocidental de secularização e assume-se como pressuposto de trabalho que se trata de um grupo que rejeita os princípios ocidentais (secularização e a laicização como metas).

Dessa maneira, é delicado debater sobre um feminismo que não se engloba no feminismo ocidental, pois possui características muito diferentes, objetivos mais restritos e não busca uma emancipação total da mulher, muito menos a libertação das mesmas de uma cultura machista, misógina, androcentrista e arcaica como o Islamismo.

Em, *The practice and purpose of Islamic feminism*, a libanesa Azizah al-Hibri esclarece:

“que significa para uma mulher muçulmana ser liberta? Para uma mulher muçulmana ser liberta, é ter todos os direitos e obrigações dadas a ela no Alcorão. O que significa isso? Bem, isso significa que há coisas no Alcorão que homens e mulheres podem fazer, como o envolvimento no trabalho. Ambos podem trabalhar. Será que uma mulher tem que trabalhar? Não, se ela quer trabalhar, ela pode. Eles são iguais? Eu acho que é errado falar de igualdade, porque como eu disse, o Alcorão se engaja em ações afirmativas em favor das mulheres, o que eu poderia dizer é “justo”. E há coisas que as mulheres muçulmanas querem fazer que o Alcorão restringe. Mas eu não olho para a igualdade de forma mecânica, automática. Se as mulheres optam por não trabalhar e se sustentar, elas deveriam ter direito a ser apoiada por seu marido e as famílias também. E é isso que reserva o Alcorão para as mulheres”(AL-HIBRI, 2002: 1 – tradução de Cila Lima apud LIMA, 2014).

2.4. A poligamia na cultura Islâmica

A palavra poligamia, em francês *polygamie*, se refere a uma pessoa que possui vários esposos ou esposas. O termo poligamia se divide em duas vertentes: poliginia, que vem da palavra “*polygynie*”, se define no fato de um homem ter várias esposas de acordo com uma regra social; e poliandria, palavra originalmente conhecida no francês como *polyandrie*,

definida pelo casamento de uma mulher com vários homens. É fato que, ao se referir à poligamia, o termo remete com mais frequência ao casamento de um homem com várias mulheres, porém o correto seria tratar do assunto especificamente como poliginia.

De acordo com a *Association Départementale pour le Développement et la Coordination des Actions auprès des Etrangers de la Savoie* (2013), a poligamia é a forma de união mais difundida: 20% das sociedades são monogâmicas e 80%, poligâmicas. Essas uniões estão presentes no continente africano, na China, em algumas regiões no Camboja, na Índia, e no Oriente Médio. Também abrangem algumas sociedades ameríndias e sul-americanas. Atualmente, a poligamia ocorre nos seguintes países: Afeganistão, Argélia, Arábia Saudita, Bahrain, Bangladesh, Benim, Birmânia, Burkina Faso, Camarões, República Centro Africana, Comores, Congo, Djibouti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Gabão, Gâmbia, Índia, Indonésia, Iraque, Irã, Jordânia, Kuwait, Líbano, Libéria, Líbia, Malásia, Mali, Marrocos, Mauritânia, Nigéria, Omã, Uganda, Paquistão, Qatar, Senegal, Somália, Sudão, Sri Lanka, Suazilândia, Síria, Tanzânia, Chade, Togo, Iémen, Zaire e Zâmbia.

A poligamia pode ser explicada pela grande diferença da quantidade de mulheres em relação à quantidade de homens nos países polígamos. Segundo Toutain (1876 apud PISON, 1986) é um fato comum, nos países polígamos, o nascimento de mais mulheres que homens. Contrariando-o, Pison (1986) afirma que existe sim uma proporção muito maior de população feminina do que masculina, mas isso não se deve a uma taxa de natalidade maior feminina. Ocorre exatamente o contrário: os meninos são mais propensos a morrer do que as meninas, e com o passar dos anos, as mulheres vivem mais, enquanto os homens morrem cedo. Existe um alto risco das mulheres se tornarem viúvas um dia: 12% das mulheres que entram no primeiro casamento se tornam viúvas dentro de 10 anos.

O “Conseil du status de la femme” (2010) alega que a poligamia na religião dos mórmons, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é considerada uma obrigação religiosa. Já no Islamismo, é considerada uma autorização e um direito reconhecido por Deus. O Alcorão possui somente um verso que explicita a poligamia:

“Se você tem medo de ser injusto com os órfãos, case-se com apenas algumas mulheres, duas, três ou quatro das que você gostou. Se você ainda tem medo de ser injusto, case-se com apenas uma ou com uma escrava. Esse comportamento irá ajudá-lo a ser justo. Atribua livremente a suas mulheres seus dotes; e se lhes agrada

dar-lhe uma parte, aproveite-a convenientemente e à sua vontade.”⁶ (Kasimirski, 1970 apud LE CONSEIL DU STATUS DE LA FEMME, 2010) (Tradução nossa)

O trecho explicita os requisitos para que um homem tome mais mulheres como esposas: se um homem tiver medo de ser injusto com os mais desfavorecidos, que ele tome somente algumas esposas, se ele tiver realmente muito medo de ser injusto e achar que não possui competência para não sê-lo, que tome somente uma, para que ele não seja injusto de forma alguma, nunca. O mais importante era ser um homem justo.

Belaid (apud “Le conseil du status de la femme”, 2010, p.63) relata que existe uma análise em torno do versículo sobre a poligamia e afirma que os historiadores concordam que esse verso foi revelado no rescaldo de uma guerra assassina, a batalha de Uhud contra os hereges de Meca, que deixou muitas viúvas e órfãos sem recursos. Nessa conjuntura, a poligamia visava a proteção de mulheres e meninas deixadas sem pai ou marido, que não teriam escolha senão se prostituir para sobreviver. Além disso, em um dos vários casos, o guardião confiado às órfãs, geralmente um homem de sua família, podia ser tentado pela beleza de uma jovem ou de sua herança. Aproveitando a situação, alguns guardiões se casavam com suas pupilas, muitas vezes contra sua vontade, para colocar as mãos em suas heranças.

Segundo Fatou Saw Sarr (apud KANE, 2018) a poligamia surgiu no Senegal muito antes do Islã, mas foi incorporada e copilada por ele. Há ainda quem diga que a poligamia é uma falha de interpretação do Alcorão, como defende o Cheikh Ahmed al-Tayeb. Segundo ele, o Alcorão diz que para um muçumano possuir várias esposas, ele deve obedecer às condições de equidade, ou seja, ele deve ser justo, honesto e imparcial. Na maioria dos casos, o homem não tem a menor condição psicológica e financeira de ter várias esposas, porém mesmo assim se torna poligâmico.

Nos anos 1960 a 1970, período em que Mariama Bâ viveu, as mulheres senegalesas eram demasiadamente contra a poligamia e consideravam-na uma violência contra as mesmas. Léopold Sédar Senghor, na época presidente do Senegal, extremamente influenciado pela cultura europeia (estudou na Sorbonne, na França), se uniu às mulheres senegalesas e

⁶ “*Si vous craignez d’être injuste envers les orphelines, n’épousez que peu de femmes, deux, trois ou quatre parmi celles qui vous auront plu. Si vous craignez encore d’être injuste, n’en épousez qu’une seule ou une esclave. Cette conduite vous aidera plus facilement à être justes. Assignez librement à vos femmes leurs dots; et s’il leur plaît de vous en remettre une partie, jouissez-en commodément et à votre aise.*” (Le Coran, sourate IV, verset 3, Kasimirski, 1970 apud LE CONSEIL DU STATUS DE LA FEMME, 2010)

com elas criou uma nova norma: a monogamia se tornou uma opção no Código da Família de 1972. O homem, antes de se casar pela primeira vez, deveria entrar em um consenso com sua noiva e decidir se permaneceriam um casal monogâmico ou se no futuro ele poderia tomar mais esposas. O código continuou em vigor quarenta e seis anos mais tarde. Atualmente, no Senegal, é necessário perguntar se o casal se casou segundo a opção monogâmica, ou poligâmica e, dentro da opção poligâmica, o homem pode escolher o número de esposas que terá, sendo quatro o limite, como descrito por ADDCAES (2013). A limitação de quatro esposas foi criada pelo Islã somente no sexto século D.C.. Antes disso não havia um número limite de esposas, nem o reconhecimento das mesmas, além de não possuírem nenhum benefício de herança.

Atualmente, no Senegal há mulheres que se dizem autônomas e independentes somente por causa da poligamia e que não se imaginam mais dentro de um casamento monogâmico, afirma Sarr (apud KANE, 2018). Muitas dessas mulheres só conseguiram estudar e trabalhar por não terem que se ocupar do marido durante cem por cento do seu tempo, revezando com as outras esposas.

Essa situação retornou ao Senegal depois que, de acordo com a mesma autora, a falta de trabalho e, conseqüentemente, a falta de dinheiro em meio aos homens jovens não permitia que eles se casassem. Deste modo, as mulheres jovens se viram obrigadas a casar com homens mais velhos já casados. Assim a poligamia voltou a ser uma prática comum e persiste até os dias atuais.

É um fato que a poligamia atual é bem diferente da antiga: os homens no passado deveriam tratar suas esposas igualmente e ser respeitosos com todas, tendo no máximo quatro esposas. No entanto, a situação atualmente é bem diferente: para permanecerem casadas, algumas mulheres se submetem a várias humilhações, sendo uma delas a troca de papéis, sustentando seus maridos. Há ainda aqueles que estimulam a rivalidade entre as suas esposas, impedindo que elas conquistem seu lugar na sociedade.

No momento atual, muitas mulheres preferem aceitar a poligamia a se separar, porque não só antigamente como hoje, o divórcio continua sendo uma calamidade, principalmente na vida da esposa divorciada. Em ADDCAES (2013), encontra-se o seguinte esclarecimento: em caso de divórcio, na maioria das vezes os filhos ficam sob a guarda do marido ou da família do marido, e a mulher deve retornar à casa de seu pai. Caso ela deseje viver com seus filhos, divorciada, é considerada uma “prostituta”. Um exemplo disso é Ramatoulaye, que prefere se

manter casada para ficar com os filhos. Mas cada vez mais, existem mulheres se rebelando contra esse sistema, assim como Aissatou.

Golliau (2015) salienta que Maomé, o profeta que interpretou o Alcorão, também teve suas concubinas, além de suas esposas, mas se organizou de uma maneira que não fizesse brotar ciúmes e brigas entre elas. Cada concubina tinha sua casa, e a cada noite ele visitava uma das concubinas. Assim eram criados os haréns, as concubinas eram protegidas por escravos, e o homem permanecia apenas com as 4 esposas oficiais sem infringir as leis.

Hodgson (apud GOLLIAU, 2015) defende a ideia de que o Islã, com o auxílio da poligamia, protege todas as esposas e filhos provenientes dos casamentos, e já na monogamia ocidental católica, somente os filhos do primeiro casamento e a primeira esposa são respeitados e protegidos, os outros são considerados bastardos.

Outros pontos favoráveis a se considerar sobre a poligamia são o financeiro e o político. Os homens poligâmicos costumam ter uma renda anual maior que os homens monogâmicos, por terem mais esposas e mais filhos eles possuem mais mão de obra, sendo assim, a poligamia os torna riquíssimos e poderosos, apesar de terem mais bocas para alimentar. A poligamia politicamente auxilia na paz social, já que mistura famílias de vilas distintas, é um sistema de troca que acontece com o auxílio dos casamentos, conceitua ADDCAES (2013).

A poligamia também é vista como uma espécie de assistência social: caso o marido de uma mulher morra, outro homem próximo da família deve se casar com ela, assim cuida dela e de seus filhos, segundo Golliau (2015). Pode-se afirmar ainda que a poligamia é considerada uma arma contra a infidelidade, porque o homem que já possui várias esposas manter-se-á ocupado e não desejará outras fora do seu círculo matrimonial. É uma visão lógica na teoria, mas não é o que acontece na prática, porque o homem ainda toma concubinas, como é visto na história de Maomé. “A poligamia é uma solução contra a imoralidade e adultério que dominam as sociedades ocidentais.” (Afaf Al- Sayyd apud COLLET, 2005, tradução nossa)⁷

Entre pontos históricos, discordantes e favoráveis, é possível alegar que a poligamia é um fator determinante para a desigualdade entre os gêneros e a opressão das mulheres.

⁷ “*La polygamie est une solution contre l’immoralité et l’adultère qui dominant dans les sociétés occidentales*”. (Afaf Al- Sayyd, apud COLLET, 2005)

3. Feminismo e Poligamia em *Une si longue lettre*

3.1. O romance *Une si longue lettre*

O romance epistolar *Une si longue lettre* foi lançado em 1979. Segundo o site *Africa Vivre* 8, é um dos livros mais lidos no Senegal, sendo estudado no currículo escolar e em vários outros países. Como dito anteriormente, Ramatoulaye, narradora e personagem principal, escreve para sua amiga Aissatou uma longa carta contando sobre a situação pela qual está passando.

Mariama Bâ, em *Une si longue lettre*, utiliza uma narrativa fictícia, baseada em sua vida, nas mulheres com quem conviveu, e nas lutas que travou para ter acesso à educação e conseguir ser a voz, não só de si mesma, mas de diversas mulheres que partilham do mesmo cotidiano que Ramatoulaye e Aissatou.

A escritora mulher na África tem uma tarefa especial. Ela tem que apresentar a posição das mulheres na África em todos os seus aspectos. [...] Como os homens, devemos usar a literatura como uma arma não violenta, mas eficaz. Não aceitamos mais o elogio nostálgico à mãe africana que, em sua ansiedade, confunde o homem com a Mãe África. Dentro da Literatura Africana, deve haver espaço para as mulheres, espaço pelo qual lutaremos com toda a nossa força. (STRATTON, 1994, p.55 apud MARTINS, 2011, tradução nossa)⁹

Diante desse cenário, Ramatoulaye se questiona sobre as questões culturais em que as mulheres que a rodeiam e ela própria estão inseridas: a mulher que cuida da casa e a mulher que decide trabalhar fora, as jovens que se casam por amor e as jovens que são obrigadas pela família a se casar com homens nunca vistos por elas, mulheres que são questionadas e mal vistas por querer trabalhar onde os homens trabalham, mulheres engajadas na política que se preocupam em melhorar o próprio país e mulheres que, depois de longos anos de casamento e muitos filhos, são trocadas por uma segunda esposa, mais jovem e mais bela. Como comenta Klaw (2000):

“Aissatou abandona seu marido para seguir seus próprios princípios, para mostrar a ele as consequências de sua decisão para embarcar nos valores injustos tradicionais

8 <https://www.africavivre.com/>

9 “The woman writer in Africa has a special task. She has to present the position of women in Africa in all its aspects. [...] Like men, we must use literature as a non-violent but effective weapon. We no longer accept the nostalgic praise to the African Mother who, in his anxiety, man confuses with Mother Africa. Within African Literature, room must be made for women, room we will fight for with all our might.” (STRATTON, 1994, p.55, apud MARTINS, 2011)

ou individualistas. Por recusar o casamento com os amigos de Modou, ou Daoda, Ramatoulaye afirma sua igualdade com os homens e mostra a eles que não é uma posse, mas um ser independente capaz de verdadeiro amor e devoção a si mesma e aos outros.” (KLaw, 2000, p. 147, tradução nossa)¹⁰

O romance *Une si longue lettre* está sendo adaptado para o cinema pela cineasta senegalesa Angèle Diabang. Foi traduzido em 16 línguas: no inglês, como “*Mariama Bâ’s: So long a letter*” em 1981, no espanhol, como “*Mi carta más larga*” e em castelhano como “*Una carta molt llarga*” em 2003, e no alemão como “*Ein so langer Brief: Ein afrikanisches Frauenschicksal*” em 1984, entre outras traduções. *Une si longue lettre* foi uma obra publicada em francês por várias editoras: *Les Nouvelles Éditions Africaines du Senegal* em 1979, *Motifs* em 2001, entre outras.

Na narrativa de Bâ, Ramatoulaye, a personagem principal, é uma mulher inserida dentro da cultura islâmica, no Senegal, que escreve uma carta endereçada para Aissatou, sua amiga.

Aissatou, odiada por sua sogra por ser uma *bijoutière* (mulher de casta inferior) era casada com Mawdo Bâ, um médico que tinha sido um príncipe de uma família gloriosa (antes da guerra). Para se vingar de Aissatou, sua sogra Tante Nabou arrumou um segundo casamento para Mawdo Bâ com uma bela jovem. Por essa razão, ela o abandonou e foi embora para os EUA.

Coincidentemente, Ramatoulaye passava pelo mesmo: durante uma crise de meia idade, seu marido Modou Fall, agora falecido, havia tomado como segunda esposa a jovem Binetou, melhor amiga de sua filha mais velha, Daba. Encorajado pelos amigos homens e pela mãe de Binetou, Modou Fall abandonou Ramatoulaye, após trinta anos de casamento e doze filhos. Apesar de tal atitude ser desaprovada pela sociedade, o marido não sentiu nenhum tipo de remorso. Depois do casamento, a jovem esposa foi retirada da escola por ele, passou a receber um salário, um lugar para morar e concebeu três filhos.

Ramatoulaye, apesar das inúmeras súplicas de Daba e do restante dos filhos para que se divorciasse de Modou Fall, teve medo e não o fez, sendo assim, as duas esposas tiveram que ficar juntas durante o velório do falecido. Ramatoulaye se sentia culpada por sentir tanto

¹⁰ “*Aissatou leaves her husband to follow her own principles, to show him the consequences of his decision to embrace either unjust traditional or individualistic values. By refusing marriage with Modou’s friend or Daouda Dieng, Ramatoulaye affirms her equality with men and shows that she is not a possession but an independent being capable of true love and devotion to herself and others.*” (KLaw, 2000, p. 147)

rancor e tristeza por um homem morto e por uma jovem que não havia feito nada além do que sua mãe lhe havia ordenado, para que tivessem uma vida melhor.

Durante o período de luto, Ramatoulaye se revolta e faz reflexões sobre os males do mundo para esquecer sua própria condição. Após os quarenta dias de luto, Ramatoulaye recebe propostas de casamentos de homens que eram próximos a Modou, hábito muito comum entre os muçulmanos. No entanto, ela recusa todas as propostas.

A história escrita por Mariama Bâ é considerada um romance epistolar africano feminista, por partilhar a situação da mulher no Senegal dentro de uma religião arcaica e conservadora como o Islamismo. Como aponta Martins (2011, p.130):

“Talvez o romance de Bâ possa ser lido como um primeiro manifesto literário do feminismo islâmico, ou seja, a interrogação da religião e das suas práticas, por parte de uma mulher que quer conhecer o seu lugar dentro de uma fé e de uma cultura religiosa da qual não abdica como parte da sua identidade.”

Ao longo da história, Ramatoulaye retrata situações nas quais mulheres são subordinadas aos homens, sem voz dentro de seus relacionamentos e perante sua família, sendo descartadas como lixos. Por outro lado, Ramatoulaye é uma mulher que se deixa submeter a essas situações e, ao mesmo tempo, conta a história de sua amiga Aissatou, esta, embora submetida à mesma condição de Ramatoulaye, decide ir contra os princípios e regras pré-estabelecidas: ela se divorcia, estuda, se qualifica e vai embora do país. Como aponta Klaw (2000):

“Marie Grésillon afirma que o tema principal da Carta é o julgamento de homens que, a fim de satisfazer seus próprios desejos, vitimizam as mulheres. Alain Rouch e Gérard Clavreuil, da mesma forma, resumem o livro como a história de mulheres que são abandonadas por seus maridos. Obioma Nnaemeka, Deborah G. Plant e Mbye Baboucar Cham aproximam-se para relativizar os pensamentos de Bâ sobre sociedade, poder e sexos. Como sustenta Nnaemeka, a Carta subverte e desestabiliza certas dicotomias enraizadas na raça, idade e cultura e demonstra que cada mulher experimenta seu ambiente de maneira diferente e complexa. Para Plant, a Carta retrata as contribuições econômicas e sociopolíticas das mulheres africanas para a sociedade e indaga como elas perderam poder. Cham introduz as razões pelas quais homens e mulheres africanos são aprisionados em uma dinâmica que encoraja os maridos a abandonarem suas esposas.” ¹¹ (p.132, tradução nossa)

¹¹ “Marie Grésillon states that the principal theme of *Lettre* is the indictment of men who, in order to fulfill their own desires, victimize women. Alain Rouch and Gérard Clavreuil similarly summarize the book as the story of women who are abandoned by their husbands. Obioma Nnaemeka, Deborah G. Plant, and Mbye

É de fato concebível afirmar que a narrativa gira em torno da vida de mulheres vitimizadas, abandonadas, e que principalmente cada uma responde à sua vivência dentro do círculo social de uma forma.

3.2. A obra *Une si longue lettre* à luz das ideias de Simone de Beauvoir, em *Le deuxième sexe*

Ramatoulaye, uma mulher senegalesa, durante o velório e período de luto do marido fica “confinada”, então resolve escrever uma carta para Aissatou. Uma característica marcante na narração é o modo como ela evidencia as diferenças entre a sua cultura e a cultura ocidental, e se queixa, e se questiona quanto a algumas tradições islâmicas.

Já viúva, ela relata o motivo da morte do marido, uma crise cardíaca, e como foi socorrido pelos médicos pouco tempo depois. Na narrativa, é possível ver o modo como a medicina, considerada uma influência ocidental, é vista dentro de uma cultura com princípios muito tradicionais. Ela ressalta o momento em que tentam “ressuscitar” Modou Fall: “Eu penso: “o médico depois da morte”. Ele realiza a massagem do coração depois do inútil boca a boca. Eu penso ainda: massagem cardíaca, boca a boca, armas irrisórias contra a vontade divina.”¹² (BÂ, 2001, pag.5, tradução nossa).

A medicina traz consigo o pesado cargo de atuar como uma interferência na vontade divina, criando métodos anticoncepcionais, abortos, aparelhos e métodos de ressuscitação e, principalmente, aliada à indústria farmacêutica, remédios que prolongam a vida de pessoas que estavam à beira da morte. Durante o séc. XVI, o Islã estava em declínio por consequência da renascença europeia. No entanto, o conhecimento adquirido pela civilização islâmica tornou-se uma fonte para descobertas e para o desenvolvimento de ciências médicas, químicas e farmacêuticas europeias e principalmente uma das maiores contribuições da civilização islâmica foi a criação de hospitais. A religião em países como o Senegal é o poder supremo da sociedade, não só nessa religião mas em muitas religiões ocidentais, é importante aceitar e

Baboucar Cham come closer to nuancing Bâ's thoughts concerning society, power, and the sexes. As Nnaemeka maintains, Lettre subverts and destabilizes certain dichotomies rooted in race, age, and culture and demonstrates that each woman experiences her environment differently and in a complex way. For Plant, Lettre depicts the African women's economic and sociopolitical contributions to society and asks how they lost their power. Cham introduces the reasons that African men and women get caught in a dynamic that encourages husbands to abandon their wives.” (KLaw, 2000, p.132)

12 Je pense: “le médecin après la mort”. Il mime le massage du coeur effectué ainsi que l'inutile bouche à bouche. Je pense encore: massage du coeur, bouche à bouche, armes dérisoires contre la volonté divine. (BÂ, 2001, p.5)

compreender que Alah (Deus) tem um propósito para cada pessoa, um dia para nascer e um dia para morrer, porém, Alah permite que seus servos busquem tratamentos e curas de suas doenças, como diz em um *hadith* (tradição profética). A medicina é uma das áreas mais importantes no Islã, tendo sido considerada um fator determinante para que essa civilização prosperasse. Não obstante, existem alguns posicionamentos da civilização islâmica quanto a algumas técnicas da medicina, como por exemplo autópsias, transplantes e doação de órgãos de pessoas falecidas, que são consideradas proibidas por serem apontadas como uma profanação do corpo. Pode-se sugerir que Ramatoulaye tenha mostrado seu descontentamento quanto aos métodos dos médicos na tentativa de ressuscitar Modou, já que ele já estava morto, tendo os médicos profanado seu corpo.

Na tradição islâmica, quando um homem morre, o velório costuma ter a duração de quarenta dias. A esposa deve receber visitas de todos aqueles que conheciam o seu esposo durante esses quarenta dias, ser educada, gentil e acolhedora com essas pessoas, independente do seu sofrimento, vontade de se recolher e permanecer sozinha.

No caso de Ramatoulaye, o fato de ser obrigada a estar acompanhada na maioria do tempo de sua co-esposa, Binetou, e ser igualada a ela no status de viúva de Modou Fall, é algo que não a agrada de nenhum modo e faz seus pensamentos de ódio, raiva e ciúme ecoarem dentro de si. No Islamismo, como a poligamia é aceita e legal, quando o marido morre e deixa mais de uma viúva, ambas serão tratadas da mesma maneira, independentemente da quantidade de anos juntos, da idade das mesmas ou do número de filhos que tiveram com ele.

“Como é sua propriedade, como o escravo, o animal de carga, a coisa, é natural que o homem possa ter tantas mulheres quantas lhe apraza; somente razões de ordem econômica limitam a poligamia; o marido pode repudiar suas mulheres segundo seus caprichos, a sociedade não lhes outorga quase nenhuma garantia.” (BEAUVOIR, 2009, p. 96)

Muitas dessas tradições são extremamente machistas, é onde se nota a desigualdade de gênero e a objetificação da mulher. No trecho abaixo, Ramatoulaye escreve sobre a atitude que deve tomar “espontaneamente” perante a família do falecido marido:

“Este é o momento temido por toda Senegalesa, aquele em que ela sacrifica suas posses como presentes para os seus sogros, e quando, pior ainda, além dos bens, ela é amputada de sua personalidade, de sua dignidade, tornando-se uma coisa a serviço do homem que se casa com ela, do avô, da avó, do pai, da mãe, do irmão, da irmã,

do tio, da tia, dos primos, das primas, dos amigos desse homem.” 13 (BÂ, 2001, p.7, tradução nossa)

Modou, apesar de estar morto, vive nos pensamentos de Ramatoulaye, que remói durante os 40 dias toda a dor causada por ele, ressentida e magoada por ter sido abandonada e substituída por uma menina. Ela desenvolve questionamentos acerca da poligamia, do desejo que tomou conta do marido e o fez tomar uma outra esposa, mesmo sendo um ato tradicional e comum da cultura.

“Loucura? Covardia? Amor irresistível? Que convulsão interior desviou o comportamento de Modou Fall para se casar com Binetou? Para superar meu rancor, penso no destino humano. [...] E dizer que ameí apaixonadamente esse homem, dizer que dediquei a ele trinta anos da minha vida, dizer que carreguei um filho seu doze vezes. Adicionar uma rival à minha vida não foi suficiente. Ao amar outra pessoa, ele queimou seu passado moral e materialmente.” 14 (BÂ, 2001, p.14, tradução nossa)

Beauvoir (2009, p.318) aponta que o casamento para a mulher, até o século XX, era como uma carreira honrosa e só ele permitia que a mulher fosse digna social e integralmente, a fim de se realizar como mulher e mãe. Tanto na cultura europeia, quanto em tantas outras como a senegalesa, para a mulher, a conquista de um homem era o maior dos empreendimentos, porque ela nasceu e foi criada para aquilo. Nas palavras de Beauvoir: “Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.” (2009, p.319) Ramatoulaye, ao se casar, sentiu-se digna e completa dentro daquilo que era esperado dela, mas o ato de Modou Fall decidir tomar outra esposa significou em seu íntimo que toda a dedicação, todos os filhos que deu a ele, todos os anos juntos não valeram nada e que, em algum momento dentro do seu papel de esposa, ela errou, não ele. Pelo fato de normalmente o casamento subordinar a mulher ao marido, é sobretudo a ela que se atribui em toda acuidade o

13 “C’est le moment redouté de toute Sénégalaise, celui en vue duquel elle sacrifie ses biens en cadeaux à sa belle-famille, et où, pis encore, outre les biens, elle s’ampute de sa personnalité, de sa dignité, devenant une chose au service de l’homme qui l’épouse, du grand-père, de la grand-mère, du père, de la mère, du frère, de la sœur, de l’oncle, de la tante, des cousins, des cousines, des amis de cet homme.” (BÂ, 2001, p.7)

14 “Folie? Veulerie? Amour irrésistible? Quel bouleversement intérieur a égaré la conduite de Modou Fall pour épouser Binetou? Pour vaincre ma rancœur, je pense à la destinée humaine. [...] Et dire que j’ai aimé passionnément cet homme, dire que je lui ai consacré trente ans de ma vie, dire que j’ai porté douze fois son enfant. L’adjonction d’une rivale à ma vie ne lui a pas suffi. En aimant une autre, il a brûlé son passé moralement et matériellement.” (BÂ, 2001, p.14)

problema das relações conjugais (BEAUVOIR, 2009, p. 456), como se percebe no trecho a seguir:

“Eu tento identificar meus erros no fracasso do meu casamento.”¹⁵ (BÂ, 2001, p.44, tradução nossa)

“Chorava de alegria e tristeza misturadas: alegria de ser amada pelos meus filhos, tristeza de uma mãe que não podia mudar o curso das coisas.” ¹⁶ (BÂ, 2001, p.42, tradução nossa)

“O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher, é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser.” (BEAUVOIR, 2009, p. 407) Na cabeça de Ramatoulaye, ela sofria por estar casada na teoria, mas na prática, solteira, divorciada, rejeitada e abandonada, porque, além de ter tomado uma segunda esposa, o marido ainda a negligenciou, esquecendo de sua existência e dos próprios filhos, deixando-os sem apoio financeiro ou emocional. O fato de Modou Fall ser mais um adepto da poligamia aponta para a desigualdade da sociedade senegalesa, pois se Ramatoulaye se divorciasse e pretendesse se casar novamente, seria uma tragédia social apenas por ser uma mulher.

“A poligamia sempre foi mais ou menos abertamente tolerada: o homem pode trazer para seu leito escravas, concubinas, amantes, prostitutas; mas é-lhe determinado que respeite certos privilégios da mulher legítima. Esta, se maltratada ou lesada, tem o recurso de voltar para sua família, de obter por seu lado separação ou divórcio. Assim, para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações: para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e se ficam solteiras tornam-se socialmente resíduos.” (BEAUVOIR, 2009, p. 408)

Ao pensar sobre a possibilidade de se divorciar, Ramatoulaye também é solicitada pelos filhos, principalmente por Daba, para que o fizesse. Ela sentia medo e vergonha de cogitar a hipótese do divórcio, Beauvoir explica esses sentimentos com uma situação ocorrida durante seus estudos: “uma mulher inteligente, culta, independente, mas que admirara durante quinze anos um marido que julgava superior, dizia-me transtornada, depois da morte dele, que

¹⁵ “*J’essaie de cerner mes fautes dans l’échec de mon mariage.*” (BÂ, 2001, p.44)

¹⁶ “*Je pleurais de joie et de tristesse mêlées: joie d’être aimée de mes enfants, tristesse d’une mère qui n’avait pas les moyens de changer le cours des choses.*” (BÂ, 2001, p.42)

se vira obrigada a decidir ela própria de suas convicções e de sua conduta [...]” (BEAUVOIR, 2009, p.460).

Reforçando o questionamento dos costumes tradicionais na obra, Daba, a filha mais velha, transparecia princípios feministas ao se revoltar contra o pai pelo que ele havia feito com a mãe e depois, por suplicar que a mãe se divorciasse do pai, dentro de todo o contexto patriarcal e submisso em que viviam.

Daba era casada com Abou, e vivia em um relacionamento à base de reciprocidade e igualdade. Abou dizia que Daba não era sua escrava, nem sua serva, ela era seu amor. O casal realizava todas as tarefas, independentemente de serem exclusivas dos homens ou das mulheres, inclusive, Abou cozinhava melhor que Daba, relata Aissatou. A filha defendia que a relação era uma adesão recíproca a um programa de vida e, se um dos dois não estivessem felizes, por quê deveriam continuar juntos? Ele poderia tranquilamente decidir romper com o casamento e ela também.

A personagem de Daba, no romance, mostra o surgimento de uma nova geração do feminismo islâmico, mais engajada e militante, a qual lutava mais escancaradamente contra as opressões masculinas e a poligamia, influenciando uma mudança de comportamento nos homens.

“A raiva de Daba aumentava à medida que ela analisava a situação: "Separe, mãe! Mande ele embora. Ele não nos respeitou, nem você, nem eu. Faça como Tata Aissatou, separe. Me diga que você vai se separar. Eu não te vejo brigando por um homem com uma garota da minha idade."17 (BÂ, 2001, p. 33, tradução nossa)

Apesar de partilhar os sentimentos da filha, entretanto, absorvida por uma cultura machista onde o casamento é a meta de vida de uma mulher, Ramatoulaye se deprime e se conforma com a posição de segunda esposa, com medo e vergonha do que seria a vida “sem ele” (divorciada), já que não imaginava uma vida fora do casamento. Esses sentimentos que Ramatoulaye compartilha na carta fazem parte de um pensamento feminino coletivo “implantado” nas mentes das meninas pela religião islâmica desde pequenas, fazendo com que as mesmas se mantenham em casamentos infelizes e abusivos por medo de encarar julgamentos de toda uma sociedade machista. "Ir embora? Recomeçar do zero, depois de ter

17 “La rage de Daba augmentait au fur et à mesure qu’elle analysait la situation: “Romps, maman! Chasse cet homme. Il ne nous a pas respectées, ni toi, ni moi. Fais comme Tata Aissatou, romps. Dis-moi que tu rompras. Je ne te vois pas te disputant un homme avec une fille de mon âge”. (BÂ, 2001, p. 33)

vivido vinte e cinco anos com um homem, depois de trazer ao mundo doze filhos? Terei força suficiente para suportar o peso dessa responsabilidade, moral e material?” 18 (BÂ, 2001, p. 33, tradução nossa).

Apropriando-se das religiões criadas por eles mesmos, durante toda a história, os homens argumentaram - e ainda argumentam - sobre a necessidade de serem os líderes e provedores de suas famílias, tendo assim uma vida com regalias que não podem de maneira alguma ser dadas à mulher, pois ela é o elemento fraco, indefeso, ingênuo e “maldito”, principal razão de Deus ter expulsado Adão e Eva do paraíso. “Eva não foi criada para si mesma e sim como companheira de Adão, e de uma costela dele.” (BEAUVOIR, 2009, p.284)

Em algumas culturas, ao nascer um bebê do sexo feminino, o pai decide se “deixa” que a criança viva ou não, deste modo, a existência da menina acontece somente porque o homem teve compaixão pela vida da mesma.

“A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através dos olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d’Arc; e por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel de Arcanjo!” (BEAUVOIR, 2009, p.284)

Beauvoir (2009, p.276), aponta que essa passividade da mulher, assim como a de Ramatoulaye, vai ser um traço característico de uma grande parcela feminina mundial, cultivado e desenvolvido nelas desde pequenas. Mas se engana quem acha que isso é uma característica biológica, isso é um propósito imposto por aqueles que comandam a sociedade: os homens. Ensinam a mulher que, para agradar, é necessário que ela abra mão da sua autonomia, recusam a liberdade a ela e por conseguinte, ela se torna quase uma boneca viva.

Se fosse um costume encorajá-las assim como fazem com os homens, elas manifestariam a mesma curiosidade, ousadia, e espírito criativo. “Você me diria: a vida não é fácil. Nós tropeçamos em asperezas. Eu te digo também: nenhum casamento é fácil.” 19 (BÂ, 2001, p. 44, tradução nossa)

18 “Partir? Recommencer à zero, après avoir vécu vingt-cinq ans avec un homme, après avoir mis au monde douze enfants? Avais-je assez de force pour supporter seule les poids de cette responsabilité à la fois morale et matérielle?” (BÂ, 2001, p. 33)

19 “Tu me dirais: la vie n’est pas lisse. On y bute sur des aspérités. Je sais aussi: nul mariage n’est lisse.” (Bâ, 2001, p.44)

Para Aissatou, um casamento poligâmico seria inaceitável. Muito embora passasse pela mesma situação que sua amiga Ramatoulaye, decide ser uma exceção: ela ousa, reage à traição, à poligamia e foge desse sistema, apesar de todas as consequências:

"Mawdo, o homem é um: grandeza e animalidade combinadas. Nenhum gesto, de sua parte é puro ideal. Nenhum gesto de sua parte é pura bestialidade. Estou me despojando do seu amor, do seu nome. Vestida do único habitat possível de dignidade, eu continuo meu caminho. Adeus. Aissatou."²⁰ (BÂ, 2001, p.28, tradução nossa)

No caso de Aissatou, é possível visualizar a realidade da sociedade de castas pela presença do preconceito, intolerância e aversão à mistura de sangue entre castas diferentes. Sua sogra Tante Nabou não a aceita por causa da diferença de classes e se vê como superior a Aissatou.

Mawdo Bâ era o único filho homem de Tante Nabou, uma princesa antes da colonização. Ela havia casado “muito bem” as suas outras duas filhas e queria conseguir o mesmo com Mawdo, mas não foi o que aconteceu. Aissatou era a filha de um ferreiro, uma *bijoutière*, sendo assim, o filho que ela tivesse com Mawdo também iria ser ferreiro e assim sucessivamente. Ramatoulaye descreve com clareza o ódio que Tante Nabou sentia ao ver seu filho casado com Aissatou: “Seu “único homem” lhe escapou, por culpa da amaldiçoada *bijoutière*, pior que uma *griote* ²¹. A *griote* traz sorte. Mas uma *bijoutière*... Queima tudo em seu caminho como o fogo de um ferreiro. ²² (BÂ, 2001, p. 25, tradução nossa)

Diante de uma mãe severa com leis antiquadas, cheia da velha moral e muito drama, Mawdo Bâ não vê opção a não ser tomar uma segunda esposa, sua sobrinha, a aprendiz de Tante Nabou. A pequena Nabou, além de ser nova, era também muito convidativa, ficando bem claro que não foi um sacrifício para Mawdo casar-se com ela. Pelo fato de Aissatou não ser da mesma classe que Mawdo, se ela continuasse com ele, seria tão rejeitada como Ramatoulaye, seus filhos com ele jamais seriam iguais aos da pequena Nabou, a Tante Nabou jamais reconheceria os filhos de uma *bijoutière*. “Os filhos da pequena Nabou, os *griots*

20 “Mawdo, l’homme est un: grandeur et animalité confondues. Aucun geste de sa part n’est de pur idéal. Aucun geste de sa parte n’est de pure bestialité. Je me dépouille de ton amour, de ton nom. Vêtue du seul habitat valable de dignité, je poursuis ma route. Adieu. Aissatou.” (BÂ, 2001, p.28)

21 Griot: Casta referente a músicos ou contadores de histórias responsáveis por passar os conhecimentos de seu povo de uma geração para outra.

22 Son “seul homme” lui échappait, par la faute de cette maudite bijoutière, pire qu’une griote. La griote porte bonheur. Mais une bijoutière... Elle brûle tout sur son passage comme un feu de forge. (BÂ, 2001, p. 25)

falarão sobre eles, exaltando-os: O sangue voltou à sua fonte.” 23 (BÂ, 2001, p.27, tradução nossa). O papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade. Certamente o homem não precisa dela. (BEAUVOIR, 2009, p. 407- 408)

Pode-se afirmar que os preconceitos relacionados a Aissatou não só são oriundos de Tante Nabou, como de Modou Fall, e de uma majoritária parcela da população que comentava sobre o casamento de um *toucouleur* (Mawdo Bâ) com uma *bijoutière*. Como afirma Beauvoir (2009, p. 525), o casal é uma pessoa social, definida pela família, a classe, o meio, a raça a que pertence, à vista disso, ao se casar com uma mulher de casta inferior à sua, Mawdo Bâ, filho de uma princesa de uma linhagem de sangue real, estava não só sujando seu sangue, mas tornando sua linhagem decadente.

As pessoas das castas superiores viam as das castas inferiores como animais, pessoas sem alma e sem coração, sem honra, sem sentimentos e diferentes biologicamente das castas superiores. Ramatoulaye, diferente do que se espera, também via as castas inferiores dessa mesma maneira, até em momentos que ela elogia Aissatou, ela se utiliza de argumentos pejorativos para falar da *bijoutière*, embora fique entendido que entre elas isso não era um problema. É possível justificar isso em diversas passagens nas quais Ramatoulaye se refere a Aissatou como uma *bijoutière*, um exemplo: “A mãe de Mawdo, enquanto vivíamos relaxados, considerando o seu casamento como um problema obsoleto, pensou durante o dia, pensou durante a noite, um meio de se vingar de você, a *Bijoutière*.” 24 (Bâ, 2001, p.25, tradução nossa). Porém, ao se referir à outra esposa de seu marido, ela se refere à extrema pobreza da família de Binetou, sem entender como uma “personalidade” como ele, pode escolher um destino para essa família.

Outro fato comum e tradicional na religião Islâmica, como já comentado, é a viúva receber propostas de casamento de homens próximos ao falecido. A mulher, vista como um objeto, necessita sempre ter um homem acima dela para protegê-la e que lhe proporcione recursos. Sendo assim, essa tarefa passa de pai para esposo, depois do esposo para parentes ou amigos do esposo. Ramatoulaye recebe uma proposta de casamento do irmão mais velho de Modou Fall, seu cunhado Tamsir. Ela recusa e se sente extremamente ofendida pela proposta

23 *Les enfants de la petite Nabou, les griots diront d’eux, en les exaltant: “Le sang est retourné à sa source.”* (BÂ, 2001, p.27)

24 *“La mère de Mawdo, alors que nous vivions décontractés, considérant ton mariage comme un problème dépassé, elle réfléchissait le jour, elle réfléchissait la nuit, au moyen de se venger de toi, la Bijoutière”* (Bâ, 2001, p.25).

de um homem que já tem três esposas e mal consegue mantê-las. Por conseguinte, além de negar se tornar esposa de Tamsir, a personagem complementou com a seguinte fala:

"Você esquece que eu tenho um coração, uma razão, que eu não sou um objeto que passa de mão em mão. Você não sabe o que se casar significa para mim: é um ato de fé e amor, um dom total de si mesmo para o ser que você escolheu e quem escolheu você. (Eu insisti na palavra escolher)." 25 (BÂ, 2001, p 46, tradução nossa)

Ramatoulaye, dentro do seu contexto social, era uma exceção, porque havia se casado com um homem que ela amava e continuava a acreditar impetuosamente no casamento por amor, chegando a suplicar a Deus que mandasse outro homem para ela que ela amasse tanto como amou Modou Fall. A existência da crença de Ramatoulaye no casamento por amor é explicada por Simone de Beauvoir:

"A jovem mulher está longe de se confessar sempre seus sentimentos com sinceridade. Amar o marido, ser feliz, é um dever para consigo mesmo e para com a sociedade; é o que sua família espera dela [...] persuade-se de bom grado que o que sente pelo marido é um grande amor; e essa paixão assume uma forma tanto mais maníaca, possessiva, ciumenta quanto menos satisfeita sexualmente é a mulher; para se consolar da decepção, que a princípio se recusa a confessar, ela tem insaciavelmente a necessidade da presença do marido." (BEAUVOIR, 2009, p.457-458)

Posteriormente, ela recebe a proposta de casamento de Daouda Dieng, seu antigo pretendente, um deputado da Assembléia Nacional. Com ele sentia-se à vontade, gostava de discutir política e representatividade feminina, e o questionava: "Quando a sociedade educada conseguirá se determinar não por gênero, mas por critérios de valor?"²⁶ (BÂ, 2001, p. 49, tradução nossa). Ramatoulaye tinha liberdade para falar sobre política com Daouda, o que levava horas, gostava de sua companhia e tinha se afeiçoado a ele, no entanto, ela não era a mesma mulher que não se imaginava sem um casamento.

Durante a escrita da carta a Aissatou, e passados os 40 dias, Ramatoulaye tinha mudado, e no momento em que recusou a proposta de Daouda, pensou não somente nela, mas

25 "*Tu oublies que j'ai un coeur, une raison, que je ne suis pas un objet que l'on se passe de main em main. Tu ignores ce que se marier signifie pour moi: c'est un acte de foi et d'amour, un don total de soi à l'être que l'on a choisi et qui vous a choisi. (J'insistais sur le mot choisi).*" (BÂ, 2001, p 46)

26 "*Quand la Société éduquée arrivera-t-elle à se déterminer non em fonction du sexe, mais des critères de valeur?*" (BÂ, 2001, p. 49)

na mulher que o esperava em casa, e nos filhos que ele havia tido com ela. Ramatoulaye não quis que Aminata, a esposa, vivesse o mesmo que ela viveu.

Você procura uma mulher que permaneceu a mesma, Daouda, apesar dos intensos estragos do sofrimento. [...] a existência de sua esposa e filhos complica ainda mais a situação. Abandonada ontem por causa de uma mulher, eu não posso alegremente me colocar entre você e sua família. Você acha que o problema poligâmico é simples. [...] É com infinita tristeza e lágrimas nos olhos que eu ofereço a você minha amizade”.²⁷ (BÂ, 2001, p.54, tradução nossa)

Além de Daouda ter uma família, Ramatoulaye acredita ferozmente no casamento por amor. Por não amá-lo, não faria sentido casar-se com ele e ainda fazer outra mulher sofrer. “Meu coração não ama Daouda Dieng. Minha razão aprecia o homem. Mas o coração e a razão são sempre discordantes.” ²⁸ (BÂ, 2001, p. 53, tradução nossa).

Ramatoulaye apresenta uma mudança no decorrer do romance, contudo, em nenhum momento havia deixado seus princípios para trás. Apesar de ser imposto a ela um novo casamento, não o faria por simples conveniência. À medida em que o rancor por Modou desaparecia, ela percebia que poderia viver a vida sozinha.

O fato de Ramatoulaye acreditar no amor em um casamento se explica pelo seu casamento com Modou. Em vários trechos ela escreve sobre as qualidades de Modou Fall, sobre como era apaixonada por ele, e se orgulha do homem que um dia ele havia sido:

Você conhece minha sensibilidade, o imenso amor que eu dedicava a Modou. (BÂ, 2001, p.44, tradução nossa)

Eu permaneço fiel ao amor da minha juventude. (BÂ, 2001, p.45, tradução nossa)

Eu amava Modou (BÂ, 2001, p. 20, tradução nossa)

Ela não conhecia a força de vontade de Modou, sua perseverança diante dos obstáculos, seu orgulho de superar, a resistência inspiradora dos novos ataques a cada falha. ²⁹(BÂ, 2001, p 33, tradução nossa)

²⁷ “Tu poursuis une femme qui est restée la même, Daouda, malgré les ravages intenses de la souffrance. [...] l’existence de ta femme et de tes enfants complique encore la situation. Abandonnée hier, par le fait d’une femme, je ne peux allègrement m’introduire entre toi et ta famille. Tu crois simple le problème polygamique.[...] C’est avec une tristesse infinie et des larmes aux yeux que je t’offre mon amitié.” (BÂ, 2001, p.54)

²⁸ “Mon coeur n’aime pas Daouda Dieng. Ma raison apprécie l’homme. Mais le coeur et la raison sont souvent discordants” (BÂ, 2001, p.53)

²⁹ “Tu connais ma sensibilité, l’immense amour que je vouais à Modou.” (BÂ, 2001, P.44)

“Je reste fidèle à l’amour de ma jeunesse.” (BÂ, 2001, P.45)

“J’amais Modou.” (BÂ, 2001, P.20)

Mesmo depois de Binetou e depois de sua morte, ela ainda o amava verdadeiramente, e se entristecia por esse fato.

A principal diferença entre as duas personagens principais, Ramatoulaye e Aissatou, é que apesar de ambas terem estudado e se profissionalizado, Ramatoulaye abre mão disso para se tornar uma dedicada mãe e esposa, apaixonada e devota ao marido, tendo a única responsabilidade de cuidar da casa, do marido e dos filhos. Aissatou, por outro lado, decide retomar os estudos, readquirindo o controle da própria vida.

Na carta, Ramatoulaye escreve que Aissatou comprou um carro pra ela, para que ela se tornasse mais autônoma e independente. Todos, inclusive Modou, questionam a veracidade da história da origem do carro, porque acreditam, assim como a mãe de Mawdo, que uma *bijoutière* não tem coração.

Logo no começo da carta, Ramatoulaye escreve para Aissatou: “Sua existência em minha vida não é por acaso. É você que eu carrego em mim. Você é minha protetora negra.” 30 (BÂ, 2001, p. 15, tradução nossa). Mesmo em meio às diferenças entre as duas, Ramatoulaye e Aissatou tinham uma amizade que, no decorrer dos anos e dos acontecimentos, se tornou uma relação de sororidade, uma apoiava a outra, reerguia a outra e assim conseguiam superar os problemas, de modo a passar por cima das normas que supostamente deveriam seguir por serem mulheres.

Em vários momentos ao longo da obra, Ramatoulaye se pergunta o que Aissatou diria, o que Aissatou acharia de tal coisa, o que Aissatou a aconselharia, mostrando assim a influência das atitudes de Aissatou, mesmo que pequenas, na vida de Ramatoulaye. É importante ressaltar que Ramatoulaye, assim como Aissatou, era uma mulher que enxergava os problemas do país em que nasceu e viveu, clamava por mudanças e por uma igualdade de gênero, mas ao se casar se conteve e cedeu lugar a uma passividade. Todavia, quando Modou morre, ela volta a racionalizar sobre todas essas questões:

"Nós somos irmãs verdadeiras destinadas à mesma missão emancipatória. Para sair da estagnação das tradições, superstições e costumes; para nos fazer apreciar múltiplas civilizações sem negar as nossas; elevar nossa visão do mundo, cultivar nossa personalidade, reforçar nossas qualidades, controlar nossos defeitos; tornar

“Elle ne connaissait pas la puissance volonté de Modou, sa tenacité devant l’obstacle, son orgueil de vaincre, la résistance inspirant de nouveaux assauts à chaque échec.” (BÂ, 2001. P. 33)

30 Ton existence en ma vie n’est point hasard. C’est toi que je porte en moi. Tu es ma négresse protectrice. (BÂ, 2001, P.15)

frutíferos em nós os valores da moral universal.” 31 (Bâ, 2001, p.17, tradução nossa)

Ramatoulaye e Aissatou são duas mulheres diferentes, uma mais radical, outra mais contida, mas ambas fazem a sua parte na luta feminista. Uma necessita da outra como dois polos de uma pilha: um negativo e um positivo.

A amizade tem grandezas desconhecidas do amor. Fortalece-se nas dificuldades, enquanto as obrigações massacram o amor. Resiste ao tempo que cansa e desune os casais. Ela tem elevações desconhecidas do amor. Você me trouxe ajuda nas suas privações, você, a *Bijoutière*. 32 (Bâ, 2001, p.42, tradução nossa)

É de conhecimento geral que a África foi colonizada e repartida sem nenhum critério para vários países europeus. Essa divisão gerou conflitos e diferenças entre a maioria dos países africanos depois das colonizações. Nesse contexto, Ramatoulaye descreve também a personagem de Jacqueline, em *Une si longue lettre*. Jacqueline era mais uma mulher que havia sido machucada e magoada pelo marido, mas a diferença é que Jacqueline não era uma mulher senegalesa, era uma costa-marfinense. Jacqueline abandonou seu país e sua família para se casar com Samba Diack, um médico senegalês, assim como Mawdo Bâ. A mulher, ao se casar com um homem, toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua “metade”. Segue para onde o trabalho dele a chama, assevera Beauvoir (2009, p.410). Apesar da pouca distância entre o Senegal e a Costa do Marfim e de ambos terem sido colonizados pela França, existem muitas diferenças entre os dois países, tanto política quanto culturalmente. Jacqueline veio de um “mundo” diferente e, por Samba Diack, tentou se adaptar e se integrar à religião mulçumana e à sociedade senegalesa, enquanto seu marido, vivia atrás de outras mulheres, sem ao menos se preocupar em esconder isso.

Em meio ao choque cultural, religioso, político, rejeitada por sua família na Costa do Marfim que não aceitou seu casamento, ela se deixou consumir pelas tristezas de estar em um

31 “*Nous étions de véritables soeurs destinées à la même mission émancipatrice. Nous sortir de l’enlèvement des traditions, superstitions et moeurs; nous faire apprécier des multiples civilisations sans reniement de la nôtre; élever notre vision du monde, cultiver notre personnalité, renforcer nos qualités, mater nos défauts; faire fructifier en nous les valeurs de la morale universelle;*” (Bâ, 2001, p.17)

32 “*L’amitié a des grandeurs inconnues de l’amour. Elle se fortifie dans les difficultés, alors que les contraintes massacrent l’amour. Elle résiste au temps qui lasse et désunit les couples. Elle a des élévations inconnues de l’amour. Tu m’apportais en aide tes privations, toi la Bijoutière.*” (Bâ, 2001, p.42)

país estranho, com pessoas diferentes, com um marido que não a respeitava e entrou em depressão. Sem saber como reagir, foi a forma que encontrou para lutar por aquilo com o qual não concordava, sem ter como voltar para a família, em seu país de origem, conformou-se com a situação.

Beauvoir (2009) assegura que esse é o traço que caracteriza a jovem e nos dá a chave da maior parte de suas condutas: não aceita o destino que a Natureza e a sociedade lhe designam, sem, no entanto, repudiá-lo positivamente: acha-se interiormente dividida para entrar em luta com o mundo; limita-se a fugir da realidade ou a contestá-la simbolicamente. O que se compreende da descrição de Ramatoulaye é que Jacqueline, na falta de opção para sair dessa situação, resignou-se, o que não significa que ela a tenha aceitado.

Ramatoulaye, uma mulher crente no amor, sempre deixou que suas filhas saíssem e conhecessem o mundo, sem ela. Deixava que as meninas fossem ao cinema, deixava que trouxessem amigos e amigas para casa, deixava que elas vivessem, porém estava sempre por perto para saber de suas relações, esperava confiança e confidência recíprocas da parte delas. Em certo momento da carta, ela apresenta Aissatou, sua filha mais velha depois de Daba, um homônimo de Aissatou, sua amiga. Aissatou, depois da morte do pai, vinha passando por distúrbios alimentares e um estado de saúde um tanto delicado, vomitava muito e emagreceu bastante. No entanto, Ramatoulaye entendia que a morte do pai havia lhe afetado, mas mais tarde descobre que sua filha estava grávida.

Aissatou grávida, sem marido, depois do abandono da mãe pelo pai. A mãe sente que havia levado uma rasteira da vida outra vez. Uma jovem que engravida antes de se casar já é julgada numa sociedade ocidental, quem dirá em uma sociedade com princípios altamente machistas. Para a paz da consciência de Ramatoulaye, Aissatou revela que havia perdido sua virgindade por escolha própria, que o pai do seu filho a amava e iria se casar com ela. Assim foi feito.

Ramatoulaye comenta igualmente sobre questões de raça, pois seu filho foi submetido a uma situação racista na escola, pelo próprio professor. Ramatoulaye, não sabendo o que fazer com todas essas situações que ocorriam nesse momento da sua vida, sempre contava com o apoio de Daba, sua primogênita empoderada, que nunca abandonou a mãe.

Aissatou e Ramatoulaye, assim como Daba, Aissatou sua filha, Tante Nabou, a pequena Nabou, Jacqueline, Aminata e tantas outras mulheres que aparecem ao longo da carta, são mulheres fortes e dignas, mulheres que foram criadas para serem passivas, objetos e

ainda assim unem forças para lutar (cada uma a seu modo) por aquilo que almejam, para terem voz.

Mariama Bâ, com auxílio da personagem Ramatoulaye conseguiu, indubitavelmente, trazer à tona questões feministas de mulheres inseridas na cultura islâmica. Por outro lado, é possível ver que, apesar de uma maioria feminina sofrer e não concordar com os princípios e normas islâmicas, aceitam sem resistência, por ser uma interpretação do profeta que Alah escolheu para difundir o Alcorão.

Na mulher, a dependência é interiorizada: ela é escrava, mesmo quando se conduz com aparente liberdade; ao passo que o homem é essencialmente autônomo e é de fora que se acorrenta (BEAUVOIR, 2009, p. 481). Cada uma dessas mulheres lutou por suas vontades ao seu modo e mesmo que livres, continuavam a seguir um padrão de submissão e buscavam o objetivo de vida de qualquer mulher dentro dessa cultura: o casamento. Instrumentos para alguns, isca para outros, respeitadas ou desprezadas, muitas vezes amordaçadas, todas as mulheres têm quase o mesmo destino que as religiões ou as legislações abusivas solidificaram. ³³(BÂ, 2001, p.71, tradução nossa)

É indiscutível que a mulher foi historicamente apaziguada e domesticada para o bem maior masculino. O casamento foi criado não para solidificar o amor, mas para ser uma instituição religiosa com o objetivo da procriação. Ao analisar historicamente o nascimento das religiões, principalmente do Islamismo, e ao observar o detalhado estudo de Simone de Beauvoir sobre o sexo feminino, é possível argumentar que a poligamia tenha realmente sido uma invenção humana e não divina, criada estrategicamente para possibilitar que os homens tenham uma vida de liberdade em meio a várias mulheres e servas, mantendo-as sob suas prisões.

Conclusão

O desenvolvimento do vigente estudo proporcionou uma análise de como a poligamia nas sociedades islâmicas se apresenta como um fator determinante para a segregação social da mulher. Além disso, possibilitou o desenvolvimento de várias hipóteses acerca da origem da poligamia e da sociedade patriarcal, da opressão feminina e consequentemente do nascimento do feminismo nessas sociedades.

³³ *Instrumentes des uns, appâts pour d'autres, respectées ou méprisées, souvent muselées, toutes les femmes ont presque le même destin que des religions ou des législations abusives ont cimenté.* (BÂ, 2001, p.71)

É importante destacar de forma breve, quais são os direitos fundamentais da mulher, segundo a Organização das Nações Unidas: direito à vida; direito à liberdade e segurança pessoal; direito à igualdade e a estar livre de todas as formas de discriminação; direito à liberdade de pensamento; direito à informação e à educação; direito à privacidade; direito à saúde e à proteção desta; direito a construir relacionamento conjugal e a planejar sua família; direito a decidir ter ou não ter filhos e quando tê-los; direito aos benefícios do progresso científico; direito à liberdade de reunião e participação política; e por último, mas não menos importante, direito a não ser submetida à tortura e maltrato.

Mariama Bâ, senegalesa, órfã de mãe, teve uma vida difícil e sempre lutou pelos seus direitos como mulher. O Senegal ainda é um país tradicional, com uma organização social segundo o sistema de castas. Uma majoritária parcela da população segue a religião islâmica e prega a submissão da mulher ao homem, e mesmo assim, a obra *Une si longue lettre*, considerada como a primeira obra africana feminista, foi um dos livros mais lidos no Senegal.

Vale ressaltar que o islamismo, analisado no segmento feminino, em todas as suas fases e vertentes infringiu os direitos básicos das mulheres, sendo menos intenso ou não, já que é um fenômeno que ocorre em países com culturas muito distintas. Decorrente disso, o movimento feminista islâmico surge, no entanto é difícil de ser compreendido a partir de uma visão ocidental, pois na maioria de suas vertentes, as mulheres muçulmanas não abririam mão da religião islâmica nem de muitos costumes islâmicos. Muitas dessas vertentes desejam somente interpretações diferentes do Alcorão para viverem em uma sociedade mais igualitária.

Levando-se em conta os fatos analisados do comportamento das mulheres muçulmanas, a personagem de Ramatoulaye, em *Une si longue lettre*, criada por Mariama Bâ, aceita a situação poligâmica imposta a ela pelo marido, pelo medo de tentar se reerguer divorciada, com 12 filhos, na sociedade senegalesa, onde se segue uma religião na qual a mulher não é igualada ao homem. A poligamia atualmente está presente em mais de 45 países e continua sendo um direito e um dever do homem dentro das interpretações do Alcorão feitas pelo profeta Maomé.

Ao analisar as falas da personagem Ramatoulaye, a partir do livro “O segundo sexo”, de Beauvoir, verificou-se que a estudiosa francesa tinha uma compreensão de sua própria vida e do seu contexto social, mas também conseguiu compreender as vidas de milhares de outras mulheres espalhadas pelo mundo, devido ao estudo aprofundado sobre as que se foram, as que vivem hoje, e as que viverão no futuro.

Ramatoulaye e Aissatou, as personagens principais de *Une si longue lettre* são exemplos perfeitos de mulheres muçulmanas que, por um lado, são expostas a situações como a poligamia, conformam-se com uma vida regida por figuras masculinas; e por outro lado, em contraste, tentam se opor ao sistema e buscam emancipação e independência, não importa o que isso custe.

As teorias acerca da poligamia, segundo a interpretação do Alcorão, sua origem, suas causas e consequências, seus prós e contras auxiliaram na compreensão dos atos de cada personagem da obra de Mariama Bâ, personagens essas inspiradas nas mulheres reais do seu meio. De uma visão ocidental, é quase incompreensível a relação que as mulheres dentro das sociedades islâmicas têm com a religião e com as normas que acarretam em sua submissão e resignação, segundo um modelo delimitado pelos homens, sem oposição a tal situação.

É importante destacar que esse comportamento passivo e submisso feminino como resultado de uma opressão masculina não é um fenômeno específico de países que seguem a religião islâmica. Tal ocorrência é resultado de milhares de anos de desigualdades de gênero também em países ocidentais laicos. Um exemplo disso é o Brasil, um país com uma grande diversidade de religiões, sendo de conhecimento geral que algumas destas pregam de maneira mais incisiva, outras com mais discrição, a submissão da mulher ao marido, a obrigação de dar a ele filhos, comida e roupa lavada. Similarmente ao islamismo, apropriam-se de passagens bíblicas, realizando interpretações tendenciosas.

Além disso, o Brasil, como o Senegal, foi colônia (portuguesa) por mais de 300 anos e por isso recebeu uma grande influência europeia no quesito “ideal de superioridade masculina” e organização da sociedade por critérios de classe e gênero. Porém, é possível argumentar que não foi uma consequência exclusiva da colonização, porque antes de se tornar colônia portuguesa, o Brasil era habitado pela população nativa, que cultivava princípios como coletividade e igualdade. No entanto, as tarefas entre homens e mulheres eram divididas por critérios de gênero da mesma forma, além do mais, os líderes da tribo eram o cacique e o pajé, os dois do sexo masculino.

É de extrema importância discutir temas que evidenciem a situação da mulher e tornar conhecidas obras e autoras como Bâ, pois desde que a mulher percebeu-se sujeito de direitos, vive-se uma revolução feminina, uma luta pelo empoderamento e ativa participação das mulheres em diversos setores da sociedade, o que antes (há um século, por exemplo) eram situações utópicas. Dar voz e reconhecimento a autoras que, mesmo dentro de sociedades misóginas e com poucos recursos para lutar a favor de mudanças, conseguiram realizar

manifestações literárias, políticas e sociais, é auxiliar na luta para que outras mulheres que vivem em condições de desigualdade também contribuam para a causa do feminismo e se sintam apoiadas e influenciadas a uma mudança comportamental e social.

Referências Bibliográficas

Association Départementale pour le Développement et la Coordination des Action auprès des Etrangers de la Savoie. Au Sujet de la Polygamie, 2013. Disponível em: <<http://www.addcaes.org/wp-content/uploads/2018/06/ACTES-journ%C3%A9e-%C3%A9tude-au-sujet-de-la-polygamie-300513vp.pdf>>. Acesso em 12 de junho de 2016.

BÂ, Mariama. **Une si longue lettre** [Online]. Motifs, 2001

BARRETO, Robenilson Moura; CECCARELLI, Paulo Roberto. **Configurações familiares e relações étnicas no Senegal: uma leitura psicanalítica. Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 46, p. 151-158, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01003437201600020016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**; tradução Sérgio Milliet [Online]. – 2. Ed.-Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v. Título original: *Le deuxième sexe*. Éditions Gallimard, 1949.

BOUGLÉ, Célestin. **Essais sur le régime de Castes**. Presses Universitaires de France, Paris, 1969.

BURKE, Jason. **Al Qaeda- A verdadeira história do radicalismo islâmico**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 2007. Título original: *Al- Qaeda (The true history of radicalism Islam)*.

COLLET, Anne. **La polygamie, une arme contre l'adultère**. *Courrier International*, 2005. Disponível em <<https://www.courrierinternational.com/chronique/2005/09/22/la-polygamie-une-arme-contre-l-adultere>>. Acesso em 12 de junho de 2016.

CORPAS, Maria Angeles. **¿Qué es la reislamizacion?**. Aleteia, 2019. Disponível em <https://es.aleteia.org/2019/02/21/que-es-la-reislamizacion/> Acesso em 12 de junho de 2019.

DE FRANCO, Clarissa. **FEMINISMO ISLÂMICO FACE AO FEMINISMO SECULAR: UMA NOVA CONSCIÊNCIA DE GÊNERO DE UM ORIENTE QUE REJEITA A OCIDENTALIZAÇÃO**. Último Andar, [S.l.], n. 27, p. 84-92, mar. 2016. ISSN 1980-8305. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/27095/19199>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DENIS, J. et al. **L’Afrique centrale et orientale**. Presses Universitaires de France, Paris, 1971.

FEMME, Conseil du status de la. **Avis- La polygamie au regard du droit des femmes**, 2010. Disponível em: <<https://www.csf.gouv.qc.ca/wp-content/uploads/avis-la-polygamie-au-regard-du-droit-des-femmes.pdf>>. Acesso em 23 de junho de 2019.

FRAZÃO, Dilva. **Simone de Beauvoir**. E Biografia, 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/simone_de_beauvoir/ > Acesso em: 12 de junho de 2019.

GOLLIAU, Catherine. **Ce que dit le Coran #2: la polygamie**. Le point, 2015. Disponível em <https://www.lepoint.fr/societe/ce-que-dit-le-coran-2-la-polygamie-28-10-2015-1977519_23.php>. Acesso em 12 de junho de 2019.

Islamismo. Significados, 2017. Disponível em : <<https://www.significados.com.br/islamismo/>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

KANE, Columba. **Au Senegal la polygamie ne fait plus peur aux femmes instruites**. Le Monde, 2018. Disponível em <https://www.lemonde.fr/afrique/article/2018/05/11/au-senegal-la-polygamie-ne-fait-plus-peur-aux-femmes-instruites_5297654_3212.html > . Acesso em 12 de junho de 2019.

KLAW, Bárbara. **Mariama Bâ’s Une si longue lettre and Subverting a Mythology of Sex- Based Opression**. Summer 2000, Vol. 31, no. 2, p.132-150.

Laicização. Dicionário Informal, 2010. Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/laiciza%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em 12 de junho de 2019.

LIMA, Cila. **Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 22, n. 2, p. 675-686, Agosto. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 de junho de 2019.

Mariama Bâ. Casa África [200-?]. Disponível em: <<http://www.casafrika.es/po/detalle-who-is-who.jsp%3FPROID=70620.html>> Acesso em: 12 de junho de 2019.

MARTINS, Catarina. « **“La Noire de...” tem nome e tem voz. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anticoloniais e de outras ocupações** », e-cadernos CES [Online], 12 | 2011, colocado online no dia 01 junho 2011, consultado a 12 junho 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/711> ; DOI : 10.4000/eces.711

Mi carta más larga- Mariama Bâ. Literafricas, 2014. Disponível em: <<https://literafrica.wordpress.com/2014/07/15/mi-carta-mas-larga-mariama-ba/>>. Acesso em 23 de junho de 2019.

N, Diane. **Une si longue lettre de Mariama Bâ.** África Vivre [200-?]. Disponível em: <<https://www.africavivre.com/senegal/a-lire/romans/une-si-longue-lettre-de-mariama-ba.html>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

ORTHOFFER, M.A. **So long a letter by Mariama Bâ.** Complete Review, 2012. Disponível em: <<http://www.complete-review.com/reviews/senegal/bas.htm>>. Acesso em 23 de junho de 2019.

Os 12 direitos das mulheres. Nação Jurídica, 2013. Disponível em: <<https://www.nacaojuridica.com.br/2013/07/os-12-direitos-das-mulheres.html>>. Acesso em 26 de junho de 2019.

PAREKH, P. N. (Ed.); JADINE, S. F. (Ed.). **Postcolonial African Writers: A Bio-Bibliographical Critical Sourcebook.** U.K.; U.S.A: Routledge, 1998.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Diferença entre árabes e muçulmanos.** Mundo Educação. Disponível em: < <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/diferenca-entre-arabes-muculmanos.htm> >. Acesso em 15 de julho de 2019.

PISON, Gilles. **La démographie de la polygamie.** Population, 1986, pp. 93-122.

Polygynie. CNRTL, 2012. Disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/definition/polygynie>>. Acesso em 12 de junho de 2019.

Profile: Senegalese Writer Mariama Ba. The Patriotic Vanguard, 2018. Disponível em: <<http://www.thepatrioticvanguard.com/profile-senegalese-writer-mariama-ba>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

RAGIP, Hajji Sheikh Muhammad. **O Islam e as ciências médicas.** Revista Mundo da Saúde. Universidade São Camilo, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.masnavi.org/jerrahi/Artigos___Palestras/O_Islam_e_as_Ciencias_Medicas/o_islam_e_as_ciencias_medicas.html> . Acesso em: 15 de julho de 2019.

Senegal. Aid to the Church, 2016. Disponível em: <<https://acn.org.br/wp-content/uploads/attachments/RLRM-2016-Senegal.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

SILVA, Dirceu Alves da. **A mulher muçulmana: Uma visão panorâmica de Meca a São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014. Disponível em <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2441/1/Dirceu%20Alves%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

SZKLARZ, Eduardo. **Como a história das mulheres mudou sob o regime islâmico.** Aventuras na história, 2016. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/civilizacoes/como-historia-mulheres-mudou-regime-islamico-678914.phtml>>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

THÉBAUD, Françoise. **Mulheres, Cidadania e Estado na França do Século XX.** Tempo, Rio de Janeiro, n° 10, pp. 119-135. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg10-7.pdf> . Acesso em: 12 de junho de 2019.